

PRÉVIA

Perspectivas para a agropecuária

Volume 6 – Safra 2018/2019

BRASÍLIA, 2018



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor de Operações e Abastecimento

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor de Gestão de Pessoas

Marcus Luis Hartmann

Diretor Administrativo, Financeiro e Fiscalização

Danilo Borges dos Santos

Diretora de Política Agrícola e Informações

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Gestão de Oferta

Wellington Silva Teixeira

Gerência de Fibras e Alimentos Básicos

Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior

Gerência de Produtos Agropecuários

Thomé Luiz Freire Guth

Gerência de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro

Gerência de Inteligência, Análise Econômica e Projetos Especiais

Fernando Gomes da Motta

PRÉVIA

Diretoria de Política Agrícola e Informações
Superintendência de Gestão da Oferta

Perspectivas para a agropecuária

Volume 6 – Safra 2018/2019



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



APRESENTAÇÃO

Este trabalho é uma prévia da publicação Perspectivas para a Agropecuária Volume 6, safra 2018/19, realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Dentre os produtos que compõem a obra completa, aqui constam apenas três: arroz em casca natural, milho e soja.

ARROZ EM CASCA NATURAL

SÉRGIO ROBERTO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR



1. Introdução

A cadeia orizícola desempenha importante papel na ótica cultural, social e econômica brasileira. O arroz é tradicionalmente um dos produtos alimentícios mais consumidos no país, sendo o seu consumo anual estimado em torno de 12,0 milhões de toneladas. Ademais, a cadeia produtiva do arroz apresenta destaque na criação de trabalho e renda para a economia interna, com um parque industrial nacional de beneficiamento altamente desenvolvido. Apesar desses pontos fortes do setor, a estrutura de financiamento, as questões tributárias e os problemas logísticos têm dificultado o pleno desenvolvimento da cadeia.

No primeiro semestre de 2018, o cenário do mercado de arroz interno e externo encontraram-se em situações opostas. No mercado mundial, apesar da boa produção mundial, o aumento da demanda internacional refletiu em viés de alta nos preços. No Brasil, mesmo com uma produção dentro da média histórica, a expectativa de incremento no estoque de passagem nacional resultou em significativa desvalorização nos preços locais. Ressalta-se, todavia, que a, em meio a recente desvalorização da moeda nacional e forte ampliação nos saldos da balança comercial do grão, as cotações valorizaram a partir de junho e espera-se que o viés de alta continue ao longo de todo o período de entressafra. Ademais, sobre os estoques de passagens, os significativos superávits na balança comercial, a partir de novembro de 2017, refletiram em não concretização da expectativa do mercado de elevado estoque de passagem. A perspectiva de preços, para o período de colheita da Safra 2018/19, é de R\$42,00/sc no Rio Grande do Sul.

A produção de arroz compete intensamente com a da soja, principalmente no centro-oeste brasileiro. Nas últimas safras, a consistente demanda internacional e os preços atrativos

da soja atuaram como variáveis inibidoras na expansão da orizicultura. Diferentemente do mercado de soja, o arroz possui mais de 90% de sua demanda concentrada dentro do próprio país, sendo o mercado internacional de menor relevância na formação dos preços internos, se comparado com a soja e o milho, importantes commodities comercializadas pelo Brasil. Porém, apesar de ter menor importância, o fluxo comercial internacional tem sido nos últimos anos fundamental no equilíbrio da oferta e demanda brasileira de arroz.

Como exemplo, pode-se citar a Safra 2015/16, que registrou uma forte redução produtiva no estado do Rio Grande do Sul (RS), em razão de problemas climáticos. A Safra em questão contabilizou um montante de 1,4 milhões de toneladas de arroz (base casca), abaixo da média do setor. Em face a este cenário e ao Real valorizado ao longo de 2016, as importações apresentaram um crescimento anual de 135,91%, contabilizando 1,2 milhões de toneladas de arroz (base casca), produto principalmente advindo dos parceiros mercosulinos. Na contramão, as exportações retraíram em 34,39% e registraram um volume de 893,7 mil toneladas.

Nas últimas safras, todavia, houve um esforço maior por parte da cadeia produtiva na promoção do arroz brasileiro no âmbito internacional, fato este que garantiu para o produtor mais um canal de comercialização do produto colhido. Somado a isso, o produtor gaúcho diversificou a produção e conseqüentemente a geração de renda ao destinar antigas áreas de arroz para o plantio da soja. Ou seja, no Sul, diferentemente de outras Regiões do Brasil, a introdução da soja nas áreas altas destinadas ao arroz foi fator benéfico ao fortalecimento do setor.

O desenvolvimento tecnológico adaptativo das sementes de soja para a Região Sul foi fundamental nesse processo. Em resumo, o produtor gaúcho, com a diversificação na formação de seu fluxo de caixa, garantiu um maior poder de negociação com o mercado atacadista e varejista.

2. Panorama internacional

No mercado internacional, segundo dados do United States Department of Agriculture (USDA), a produção mundial de arroz base beneficiado ficará em 487,8 milhões de toneladas na Safra 2018/19, retração de aproximadamente 800 mil toneladas em relação à safra 2017/18. Esse resultado é reflexo principalmente da expectativa de retração na produção chinesa em função de uma redução de área, apesar da retomada da produção norte-americana.

Mais especificamente nos EUA, o incremento de produção foi resultado principalmente de uma expansão de área, apesar de ser identificado também um ameno aumento da produtividade. Sobre o consumo mundial, este está estimado em 487,9 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 6,4 milhões de toneladas (1,33%). É importante destacar que é a primeira vez nos últimos anos que o consumo mundial será superior a produção mundial.

Na Safra 2017/18, que está sendo comercializada atualmente, apesar do cenário de aumento da oferta e dos estoques de passagem mundiais, espera-se que o fluxo no mercado internacional continue elevado, fato que colabora com a manutenção da demanda do produto de importantes países produtores, como exemplo da Tailândia e da Índia. A China (principal país produtor, consumidor e importador) mantém a tendência dos últimos anos de aumento dos estoques de passagem, por meio, majoritariamente, da aquisição de produto de terceiros países, vide Quadro 1. É projetado que este comportamento chinês se mantenha na Safra 2018/19.

Sobre o comércio internacional para Safra 2018/19, a previsão é de elevação das exportações em 1,84% ou de 890 mil toneladas.

Na Tailândia, segundo maior exportador mundial na Safra 2017/18, observa-se uma continuidade da recuperação da produção em meio um bom cenário climático para a cultura. Nota-se, nesse país, um incremento da demanda externa advinda de países do sudeste asiático e da África. Todavia, recentemente, a recuperação da produção de Bangladesh, que foi importante importador de arroz nas últimas safras, compromete uma maior expansão das exportações tailandesas e reflete, juntamente com o contínuo enfraquecimento da moeda local (Baht), em viés de baixa nos valores comercializados. Outro fator de destaque na Tailândia é o baixo estoque de passagem, especialmente quando se compara com as últimas safras.

No Vietnã, identifica-se um estoque de passagem reduzido e a expectativa para a Safra 2018/19 é que os níveis permaneçam baixos. Essa conjuntura tem refletido nas cotações internas vietnamitas, apesar do momento atual ser de colheita da safra de verão-outono local.

Acerca dos preços internacionais, após a desvalorização das cotações, com a introdução da política tailandesa de formação de estoques públicos em 2013, os preços voltaram a reagir apenas no ano de 2016, com a alteração da política daquele país e com a quebra da safra do sudeste asiático (resultado do fenômeno El Niño). Ao longo de 2018, identificou-se uma tendência de alta nas cotações dos principais exportadores de arroz, em face da menor oferta dos EUA e, principalmente, da maior demanda advinda de países que sofreram intempéries climáticas (Bangladesh e Sri Lanka) e que buscam no mercado internacional a reposição de suas ofertas nacionais.

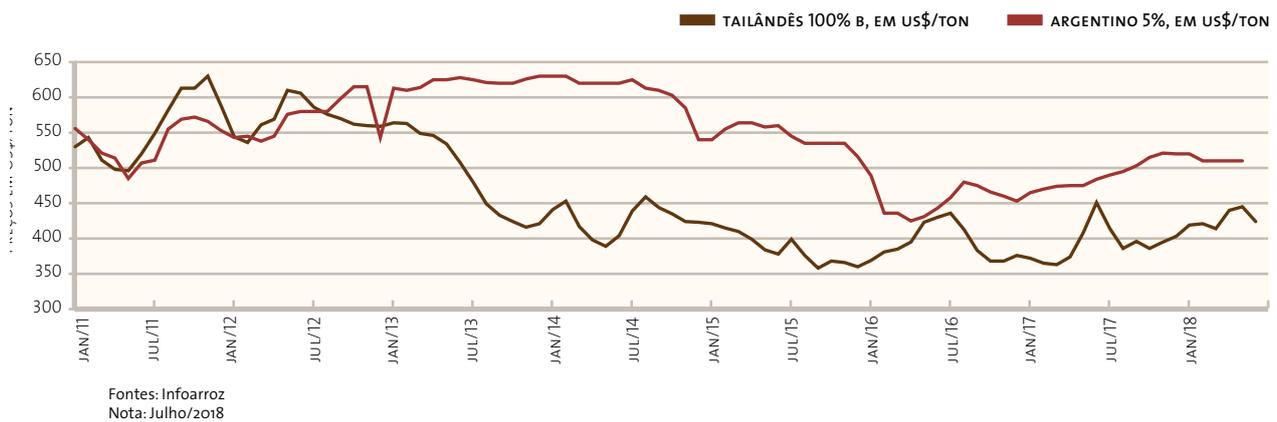
Ademais, a Indonésia (que passa por dificuldade de abastecimento interno) e África também apresentaram uma maior demanda no primeiro semestre do ano. Atualmente, a Tailândia comercializa por volta de US\$424,00 a tonelada de arroz 100% e a tendência atual é de ameno arrefecimento no curto prazo nos preços em razão do enfraquecimento da demanda de importantes importadores (Bangladesh) e desvalorização das moedas locais indiana e tailandesa.

Tabela 1.
Balço de oferta e demanda dos principais players mundiais - em milhões de toneladas de arroz beneficiado

SAFRA	EVENTOS	PRODUTORES		EXPORTADORES			IMPORTADOR		MUNDO	BRASIL
		CHINA	ÍNDIA	TAILÂNDIA	VIETNÃ	EUA	FILIPINAS	NIGÉRIA		
2015/16	1-ESTOQUE INICIAL	69,00	17,80	11,27	1,26	1,55	2,41	1,77	127,89	0,64
	2-PRODUÇÃO	145,77	104,41	15,80	27,58	6,13	11,00	3,53	472,94	7,21
	3-IMPORTAÇÃO	4,80	0,00	0,30	0,30	0,77	1,60	2,10	38,33	0,90
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	219,57	122,21	27,37	29,14	8,45	15,01	6,00	639,16	8,75
	5-CONSUMO	140,80	93,57	9,10	22,50	3,58	12,90	5,20	468,11	7,90
	6-EXPORTAÇÃO	0,27	10,24	9,87	5,09	3,40	0,00	0,00	40,34	0,55
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	141,07	103,81	18,97	27,59	6,98	12,90	5,20	508,45	8,45
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	78,50	18,40	8,40	1,56	1,48	2,11	1,40	132,72	0,31
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	55,75	19,66	92,31	6,93	41,34	16,36	26,92	28,35	3,92
2016/17	1-ESTOQUE INICIAL	78,50	18,40	8,40	1,56	1,48	2,11	1,53	132,79	0,31
	2-PRODUÇÃO	144,95	109,70	19,20	27,40	7,12	11,69	3,78	486,71	8,38
	3-IMPORTAÇÃO	5,30	0,00	0,25	0,50	0,75	1,10	2,50	41,32	0,64
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	228,75	128,10	27,85	29,46	9,35	14,90	7,81	660,82	9,33
	5-CONSUMO	141,45	95,78	12,00	22,00	4,17	12,90	6,55	482,74	8,00
	6-EXPORTAÇÃO	0,81	11,77	11,62	6,49	3,70	0,00	0,00	47,21	0,83
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	142,26	107,55	23,62	28,49	7,87	12,90	6,55	529,95	8,83
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	86,50	20,55	4,24	0,97	1,46	2,00	1,26	136,77	0,50
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	61,15	21,46	35,33	4,41	35,01	15,50	19,24	28,33	6,25
2017/18 (ESTIMATIVA)	1-ESTOQUE INICIAL	86,50	20,55	4,24	0,97	1,46	2,00	1,26	136,77	0,50
	2-PRODUÇÃO	145,99	110,00	20,37	28,94	5,66	12,30	3,78	488,60	8,08
	3-IMPORTAÇÃO	5,50	0,00	0,25	0,40	0,86	1,40	2,60	48,18	0,70
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	237,99	130,55	24,86	30,31	7,98	15,70	7,64	673,55	9,28
	5-CONSUMO	142,70	97,35	11,17	22,10	4,10	13,20	6,70	481,51	8,05
	6-EXPORTAÇÃO	1,30	12,80	10,50	7,00	2,86	0,00	0,00	48,32	0,75
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	144,00	110,15	21,67	29,10	6,96	13,20	6,70	529,83	8,80
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	93,99	20,40	3,19	1,21	1,03	2,50	0,94	143,86	0,45
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	65,87	20,96	28,56	5,48	25,12	18,94	14,03	29,88	5,59
2018/19 (PREVISÃO)	1-ESTOQUE INICIAL	93,99	20,40	3,19	1,21	1,03	2,50	0,94	143,86	0,45
	2-PRODUÇÃO	142,20	109,00	21,20	29,07	6,76	12,35	3,78	487,80	8,02
	3-IMPORTAÇÃO	5,50	0,00	0,25	0,40	0,86	1,10	3,00	46,44	0,70
	4-SUPRIMENTO TOTAL (1+2+3)	241,69	129,40	24,64	30,68	8,65	15,95	7,72	678,10	9,17
	5-CONSUMO	144,00	98,00	10,20	22,40	4,06	13,40	6,90	487,91	8,10
	6-EXPORTAÇÃO	1,70	12,50	11,00	7,00	3,24	0,00	0,00	49,21	0,70
	7-DEMANDA TOTAL (5+6)	145,70	110,50	21,20	29,40	7,30	13,40	6,90	537,12	8,80
	8-ESTOQUE FINAL (4-7)	95,99	18,90	3,44	1,28	1,34	2,55	0,82	143,75	0,37
	9- RELAÇÃO ESTOQUE X CONSUMO	66,66	19,29	33,73	5,71	33,00	19,03	11,88	29,46	4,57

Fonte: USDA - Julho/2018

Gráfico 1.
Comparativos de preços do arroz beneficiado



No Mercosul, com base nos dados divulgados pelo FAS/USDA e expostos no Quadro 2, os países integrantes do Mercosul deverão produzir, na safra 2016/17, o total de 15,4 milhões toneladas de arroz em casca (retração de 0,62% em relação à safra anterior), sendo o Brasil responsável por 76,75% da produção do bloco. Argentina e Uruguai, segundo a estimativa, produzirão 1,3 milhão de toneladas. Estes países, na série histórica da balança comercial brasileira se apresentam como importantes mercados exportadores, suprindo, quando necessário, os déficits brasileiros entre a oferta e a demanda interna.

Mais recentemente, ao longo da análise dos períodos comerciais, a partir de 2014/15, o Paraguai – com uma produção estimada de 1,0 milhão de tonelada para a próxima safra – apresenta-se como o principal exportador para o mercado brasileiro. Esse produto paraguaio é basicamente direcionado para suprir a demanda por arroz das indústrias de beneficiamento localizadas na Região Sudeste, sobretudo São Paulo e Minas Gerais. Estas transações comerciais elevaram-se, principalmente, em face do alto custo logístico de escoamento da produção da Região Sul, da retração da produção da Região CO, nos últimos dez anos, e do preço paraguaio competitivo.

Com a oferta restrita e a elevação dos preços internos brasileiros ao longo da comercialização da Safra 2015/16, observou-se um crescimento dos volumes adquiridos da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, com exportações de 197,2 mil toneladas, de 372,5 mil toneladas e de 581,2 mil toneladas, respectivamente. Com a ampliação do fluxo de comercialização, os preços argentinos e uruguaios recuaram para o patamar em torno de US\$450/t de arroz polido beneficiado. Já o Paraguai demonstrou um comportamento contrário, elevando as cotações ao longo do ano de 2016 em relação ao ano de 2015, vide gráfico 2. O preço paraguaio cotado em março de 2016 foi de US\$416,57/t.

Tabela 2.
Mercosul, oferta e demanda - em mil toneladas

SAFRA	ATRIBUTOS	TERRITÓRIOS REGIONAIS				
		ARGENTINA	BRASIL	PARAGUAI	URUGUAI	MERCOSUL
2015/16	Produção	1.400,0	10.602,9	671,6	1.304,3	13.978,9
	Consumo	800,0	11.617,6	25,4	78,6	12.521,6
	Exportação	810,8	804,4	831,3	1.388,6	3.835,1
	Estoque Final	629,2	452,9	26,9	88,6	1.197,6
2016/17	Produção	1.327,7	12.327,9	749,3	1.410,0	15.814,9
	Consumo	769,2	11.764,7	25,4	78,6	12.637,9
	Exportação	603,1	873,5	746,3	1.501,4	3.724,3
	Estoque Final	667,7	698,5	7,5	62,9	1.436,5
2017/18	Produção	1.370,8	11.875,0	959,7	1.262,9	15.468,3
	Consumo	784,6	11.838,2	44,8	78,6	12.746,2
	Exportação	692,3	1.250,0	820,9	1.228,6	3.991,8
	Estoque Final	573,8	661,8	104,5	18,6	1.358,7
2018/19	Produção	1.300,0	11.800,0	1.006,0	1.267,1	15.373,1
	Consumo	769,2	11.911,8	59,7	85,7	12.826,4
	Exportação	615,4	1.029,4	970,1	1.142,9	3.757,8
	Estoque Final	501,5	550,0	83,6	57,1	1.192,3

Fonte: USDA PSD on-line, julho de 2018.

Esse comportamento do produto paraguaio ilustra a flexibilidade de preço, desta cadeia produtiva, por possuir custos de produção menores que os identificados no Brasil. Ou seja, em 2015, ano o qual os preços internos encontram-se desaquecidos, os agentes de mercado paraguaios reduziram a pedida pelo grão, porém, em 2016, com a possibilidade de alargamento das margens de lucro, mantendo a competitividade do produto, os exportadores elevaram os preços ofertados.

Este cenário é resultado da atual dependência do mercado paraguaio para a venda de seu produto para o mercado brasileiro, haja vista que o mercado interno paraguaio é reduzido (59,7 mil toneladas) e não possui, ainda, clientes com o mesmo potencial de compra do Brasil. Todavia, a partir de novembro de 2017 até junho de 2018, com preços brasileiros menores e o Real desvalorizado, o fluxo paraguaio reduziu, com produtores daquele país em busca novos mercados para a comercialização dos seus produtos. No último mês de junho, o Paraguai vendeu a tonelada do arroz beneficiado para o Brasil a US\$326,47.

Acerca do Consumo, o Brasil destaca-se como maior mercado consumidor, com uma demanda estimada de 11,9 milhões de toneladas. Os outros integrantes do Mercosul não possuem uma forte cultura de consumo do produto, sendo as suas produções, em grande parte, não destinadas ao consumo interno e sim ao mercado internacional. Sobre as exportações brasileiras, estimadas em 1,0 milhão de toneladas, o principal destino são países não pertencentes ao grupo, com destaque para nações africanas e latino-americanas. Por meio dos dados disponibilizados pelo Aliceweb/MDIC de junho/18, os preços efetivos médios de exportação brasileira (US\$ 469,88/tonelada) apresentaram ser superiores aos preços efetivos de importação (US\$374,45/tonelada).

Na Argentina na Safra 2018/19, o estoque reduzirá em relação à safra passada, em

12,25% para 501,5 mil toneladas e, no Uruguai, os estoques apesar da significativa expansão percentual, continua com um volume baixo (57,1 mil toneladas). Na ótica absoluta dos estoques argentino e uruguaio, ambos possuirão baixos números, porém, na ótica relativa (razão estoque/consumo), ambos possuirão números elevados.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda nacional

No Brasil, a Safra 2015/16 foi também significativamente influenciada pelo fenômeno El Niño, sendo o Rio Grande do Sul (RS), principal estado produtor, o mais afetado. O excesso de chuva danificou áreas e reduziu a produtividade média brasileira, que refletiu na produção de 10,6 milhões de toneladas base casca no Brasil, volume 1,4 milhões abaixo do volume médio dos últimos 10 anos, de 12,0 milhões de toneladas.

Em face da oferta restrita interna, os preços internos valorizaram e o volume importado, principalmente, do Paraguai e Uruguai cresceu, com valores comercializados abaixo do encontrado no mercado brasileiro. Somado a isso, o fortalecimento do Real, a partir do segundo semestre de 2016, foi outro fator determinante na expansão das importações e retração das exportações brasileiras.

Na Safra 2016/17, a produção foi dentro da normalidade e ficou em 12,3 milhões de toneladas, vide Gráfico 2 e Quadro 3. Em princípio, esta oferta não deveria ser fator de desestabilização de mercado, porém a concentração produtiva, a estrutura de financiamento dos produtores e o câmbio valorizado geraram, ao longo do período de comercialização, fortes desvalorizações nas cotações do grão ao produtor.

Especificamente o Real valorizado e os altos custos de produção nacional refletiram na perda de competitividade do arroz brasileiro e geraram um desequilíbrio na balança comercial do grão. Ressaltam-se que, após a Safra 2015/16 ser deficitária, o Brasil restaurou o equilíbrio no comércio internacional do produto e, para a safra 2016/17, a balança comercial fechou com um superávit de apenas 22,7 mil toneladas. Esse resultado é consequência dos baixos preços de comercialização internos ao final da entressafra, vide Gráfico 3, o que viabilizou uma significativa expansão exportadora entre os meses de dezembro e fevereiro.

Como resultado da expansão da oferta e da retração das demandas internas e externas pelo arroz nacional, o estoque final apresentou um volume atipicamente elevado até o final de 2017, porém, com a mudança na comercialização internacional ao final da Safra 2016/17, o estoque final foi consolidado em 711,6 mil toneladas para a safra 2016/17, e, deste montante, a quase totalidade está em posse do setor privado. Logo, com a intensificação das exportações a partir de novembro de 2017, o volume de estoque de passagem apresentou significativa redução. Destaca-se, todavia, os preços retraídos do primeiro semestre de 2018, muito em função das expectativas pessimistas criadas ao longo do ano de 2017, já apresentam uma retomada.

No mês de junho, notou-se o início de uma recuperação das cotações ao produtor, reflexo da conjuntura de oferta e demanda ajustada no segundo semestre. A projeção do Quadro de Suprimento para o estoque final da Safra 2017/18 é de 586,8 mil toneladas, o menor das últimas safras, vide Quadro 4. Segundo o último levantamento de safras da Conab, a safra

2017/18 de arroz deverá ficar em torno de 12,0 milhões de toneladas, dentro da média histórica produtiva de 12,0 milhões de toneladas, o que corrobora o cenário de aperto em virtude dos significativos saldas na balança comercial do produto.

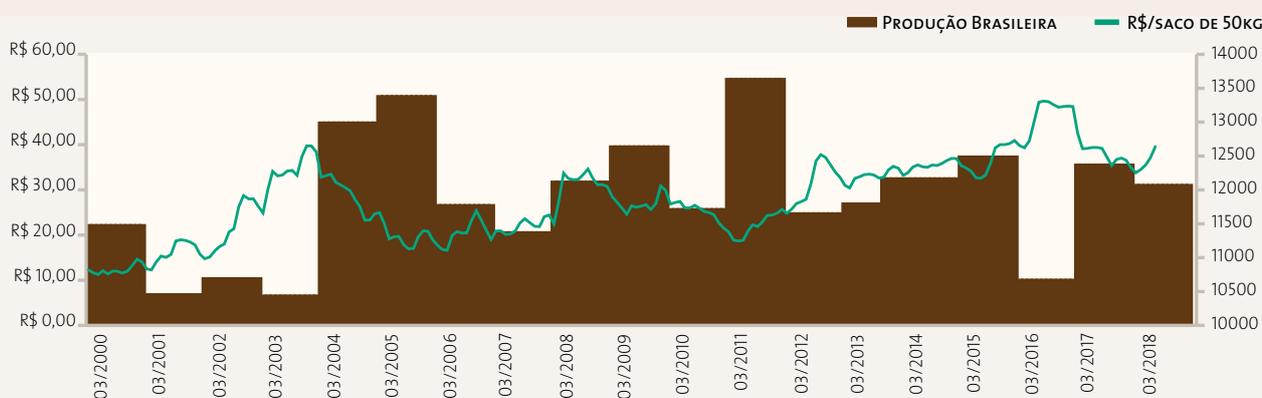
Ilustram-se que, nos primeiros meses de comercialização da nova safra, pelo fato dos estoques de passagens estarem em quase sua totalidade em poder do setor privado e dos acessíveis preços de comercialização do arroz beneficiado mercosulino, os valores comercializados no varejo e no atacado brasileiro seguiram um viés de desvalorização do mercado ao produtor. Esta conjuntura é distinta do comportamento histórico do setor, no qual o volume produzido internamente é o fator principal na formação dos preços, como ilustrado no Gráfico 2. Destaca-se, todavia, como já apontado, que hoje já se identifica uma recuperação das cotações. Com isso, muitos produtores tem segurado produto à espera de preços mais remuneradores no segundo semestre, o que de fato está se consolidando no mercado orizícola.

Sobre os dados de consumo, para a Safra 2016/17, o número já consolidado é de incremento da demanda interna para 12,0 milhões de toneladas, após dois anos de consumo atípico em função da instabilidade econômica e política do país. Para a Safra 2017/18, a Conab trabalha com a média de consumo das últimas dez safras, ou seja, projeta-se um consumo de 12,0 milhões de toneladas, estável em relação ao período anterior.

Ainda acerca da demanda por alimentos da população brasileira, o arroz apresenta-se como principal produto da base nutricional do indivíduo comum, estando presente na mesa de todas as camadas sociais. Por meio de diversos trabalhos acadêmicos, é evidenciada a elasticidade-renda negativa do produto, o que classifica o arroz como sendo um bem inferior. Isto é, elevações no nível de renda influenciam na redução do consumo de arroz, pois os agentes demandantes – ao disponibilizarem de mais renda – alteram seus hábitos alimentares, passando a consumir outros alimentos (especialmente comidas rápidas e massas).

Para o atual e próximo período comercial, estima-se que o país terá uma taxa de crescimento moderada, de forma que o boletim focus do Banco Central do Brasil (Bacen) indica uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,5% para 2018 e, de 2,5%, para 2019. Este resultado refletirá na demanda interna de arroz, que se manterá, como já ilustrado acima.

Gráfico 2.
Evolução da quantidade colhida de arroz no Brasil e dos preços no RS



Fonte: Conab, julho de 2018

Tabela 3.
Comparativo de área, produtividade e produção - safras 2015/16 e 2016/17

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %	SAFRA 16/17	SAFRA 17/18	VAR. %
	(A)	(B)	(B/A)	(C)	(D)	(D/C)	(E)	(F)	(F/E)
NORTE	263,0	259,2	(1,4)	4.129	4.045	(2,0)	1.085,8	1.048,3	(3,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.219	8,9	120,0	136,5	13,8
PA	68,8	62,8	(8,7)	2.728	2.808	2,9	187,7	176,4	(6,0)
TO	132,3	132,5	0,2	5.115	4.790	(6,3)	676,7	634,7	(6,2)
NORDESTE	229,2	265,9	16,0	1.908	1.975	3,5	437,3	525,2	20,1
MA	141,6	173,9	22,8	1.807	1.923	6,4	255,9	334,3	30,6
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.670	2,5	106,2	118,2	11,3
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
CENTRO-OESTE	199,4	179,5	(10,0)	3.672	3.653	(0,5)	732,3	655,6	(10,5)
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.268	0,1	530,0	469,3	(11,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.852	(4,1)	109,3	104,8	(4,1)
SUDESTE	16,1	14,7	(8,7)	3.399	3.611	6,2	54,7	53,0	(3,1)
SP	9,7	9,5	(2,1)	3.935	4.094	4,0	38,2	38,9	1,8
SUL	1.273,2	1.247,4	(2,0)	7.868	7.811	(0,7)	10.017,7	9.743,1	(2,7)
PR	25,1	23,1	(8,0)	6.506	5.684	(12,6)	163,3	131,3	(19,6)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.851	(1,0)	8.728,6	8.460,2	(3,1)
NORTE/NORDESTE	492,2	525,1	6,7	3.095	2.997	(3,2)	1.523,1	1.573,5	3,3
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,6	(3,2)	7.258	7.250	(0,1)	10.804,7	10.451,7	(3,3)
BRASIL	1.980,9	1.966,7	(0,7)	6.223	6.114	(1,7)	12.327,8	12.025,2	(2,5)

Fonte: Conab
Nota: Estimativa em julho de 2018

Tabela 4.
Suprimento de arroz em casca - em mil toneladas

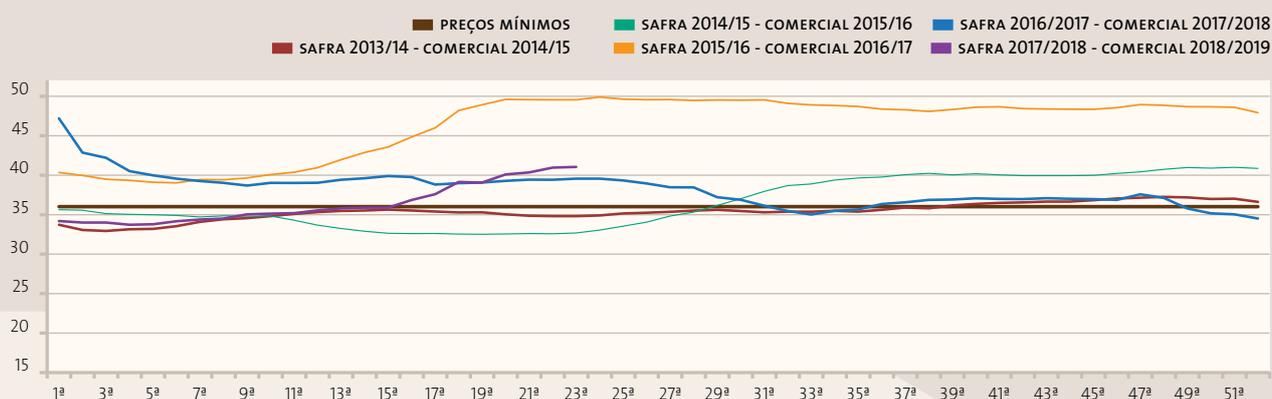
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17 (*)	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18 (**)	711,6	12.025,2	1.050,0	13.786,8	12.000,0	1.200,0	586,8

Fonte: Conab

Sobre a balança comercial, para a Safra 2017/18, a perspectiva é de superávit de 150 mil toneladas do grão. No acumulado entre os 4 primeiros meses de comercialização da Safra 2017/18, nota-se um significativo superávit de 323,1 mil toneladas e há previsão de continuidade no superávit nos próximos meses. Entretanto, com a perspectiva de valorização do produto no segundo semestre, projeta-se uma reversão na atual tendência de superávits. Ademais, segundo o Boletim Focus do dia 27 de julho, a expectativa, para o final de 2018, é de câmbio a R\$ 3,55/US\$. Atualmente, o valor comercializado no RS é de R\$41,05 por saco de 50kg arroz em casca ao produtor, como pode ser observado no Gráfico 3.

Apesar da recuperação nos preços ao produtor, atacado e varejo, as cotações seguem significativamente abaixo da média histórica inflacionada (preços reais). A média dos preços reais corrigidos pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), desde de março de 2000 até julho de 2018, ficou calculada em R\$46,71/sc, sendo a média de julho de 39,53R\$/sc, vide Gráfico 4. Ademais, destaca-se que o histórico de sazonalidade do mercado orizícola aponta para preços mais elevados no segundo semestre, logo, a tese de que os preços do arroz não se encontram gravosos no atual momento é reforçada.

Gráfico 3.
Arroz em casca tipo 1 - 58/10 - média estadual
Preços médios semanais nominais no Rs, em R\$/50g



Fonte: Siagro / Conab, acessado em 6/8/2018
Nota: primeira semana de março até a última semana de fevereiro

Gráfico 4.
Preços do arroz no RS inflacionados pelo IPCA



Fonte: Conab

Ao analisar a rentabilidade nas últimas safras (Quadro 5) identifica-se uma lucratividade historicamente superior da soja, ao se comparar com a do setor orizícola. Com os custos de produção atualizados e preços médios de comercialização do atual período comercial,

nota-se a confirmação da atratividade de rentabilidade da cultura da soja (37,27% de margem líquida) em detrimento da rentabilidade da cultura do arroz de sequeiro (-9,00% de margem líquida), com base no município de Sorriso/MT.

Para se igualar às rentabilidades de ambas as culturas, o preço de mercado do arroz no MT deveria estar cotado a R\$72,6/saco, ou seja, 73,77% superior a cotação atual de R\$41,78/saco em MT. Logo, há no centro-oeste brasileiro um nítido estímulo à expansão das áreas de soja em detrimento das áreas de arroz.

Tabela 5.
Análise de rentabilidade entre produtos substitutos, em R\$ / hectare
(com base na produtividade efetiva com base nos levantamentos da Conab, em kg/ha e porcentagem)

PRODUTOS	ARROZ IRRIGADO - RS		ARROZ IRRIGADO - RS			SOJA EM GRÃOS - MT	
SAFRAS	2016/17	2017/18	2015/16	2016/17	2017/18	2016/17	2017/18
PREÇO (R\$/50 KG)	33,97	34,82	39,91	40,96	55,32	57,72	44,62
PRODUTIVIDADE DO PACOTE (KG/HA)	3.600	3.600	7.200	7.200	3.120	3.120	3.120
ANÁLISE FINANCEIRA:							
A - RECEITA BRUTA (I*II)	2.445,84	2.506,80	5.747,04	5.898,24	3.451,97	3.601,52	2.784,08
B - DESPESAS:							
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1.880,76	1.825,80	4.172,75	4.327,20	1.811,68	1.695,13	1.695,13
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	2.308,36	2.250,60	5.185,98	5.371,20	2.208,96	2.064,18	2.064,18
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	2.747,07	2.732,40	5.729,70	6.048,00	2.387,32	2.259,24	2.259,24
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	565,08	681,00	1.574,29	1.571,04	1.640,29	1.906,39	1.088,95
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	137,48	256,20	561,06	527,04	1.243,01	1.537,34	719,90
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B4)	-301,23	-225,60	17,34	-149,76	1.064,65	1.342,28	524,84
INDICADORES:							
RECEITA SOBRE O CUSTEIO (A / B1)	1,30	1,37	1,38	1,36	1,91	2,12	1,64
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL (A / B2)	1,06	1,11	1,11	1,10	1,56	1,74	1,35
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL (A / B3)	0,89	0,92	1,00	0,98	1,45	1,59	1,23
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA (A / A)	23,10%	27,17%	27,39%	26,64%	47,52%	52,93%	39,11%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA (B / A)	5,62%	10,22%	9,76%	8,94%	36,01%	42,69%	25,86%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA (C / A)	-12,32%	-9,00%	0,30%	-2,54%	30,84%	37,27%	18,85%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

Obs: Preços médios de comercialização e custos dos municípios de Sorriso/MT e Cachoeira do Sul/RS

4. Perspectivas para a próxima safra

Com o intuito de projetar cenários para o decorrer da comercialização da atual safra e da próxima, foram elaborados seis exercícios econométricos. Com isso, realizaram-se modelos de regressão simples com as variáveis explicativas produção brasileira, estoque inicial total, estoque inicial privado, estoque inicial público, oferta nacional (estoque inicial total+ produção) e oferta nacional privada (estoque inicial privado + produção). Destaca-se que toda série de preços do RS, da Safra 1997/98 até a Safra 2017/18, foi inflacionada, ou seja, todas as projeções estão com base nos preços reais atuais.

Após os resultados, constatou-se que o modelo, com a variável explicativa produção nacional, foi o que melhor explicou o comportamento dos preços reais, sendo esse exercício estatístico significativo ao nível de significância de 5%. Todavia, é importante ilustrar que o modelo, com a variável explicativa oferta nacional, também apresentou boa aderência ao

comportamento dos preços reais, sendo esse exercício estatístico significativo ao nível de significância de 10%.

No Quadro 6, segue discriminado os dois modelos de regressão simples, que apresentaram os melhores resultados. Para a safra 2015/16, o modelo produção nacional estimou um preço médio de R\$50,70/50kg e o preço de fato identificado ao longo do ano safra foi de R\$48,68/50kg, ou seja, muito próximo ao estimado. Para a Safra 2016/17, todavia, o resultado não se apresentou tão aderente, sendo que o modelo estimou um preço real de R\$43,90/50kg e o de fato constatado foi R\$38,76/50kg.

Para a atual Safra 2017/18, com base na última estimativa de produção de 12.025,2 mil toneladas do 11a Levantamento de Safras da Conab, o modelo produção nacional estima um preço médio de R\$46,10/50kg ao longo do período de comercialização. Para a mesma Safra 2017/18, o modelo oferta nacional estima um preço médio de R\$50,20/50kg.

Ao ponderar o ano atípico de 2018 no mercado orizícola, no qual os preços estiveram cotados abaixo do preço mínimo oficial vigente de R\$36,01/50kg durante diversos meses, projetam-se, para a Safra 2017/18, preço médio menor do que o indicado pelos modelos. Ao longo do trabalho foi ilustrado os diversos fatores que contribuem para a construção da atual conjuntura de mercado. Entretanto, espera-se um cenário de preços mais elevados na entressafra, com a expectativa que os preços superem o patamar dos R\$46,10/50kg, porém o preço médio deverá ficar abaixo desse patamar.

Para a próxima Safra 2018/19, a perspectiva é que o mercado de arroz volte à normalidade e os preços voltem a melhor aderir ao modelo econométrico, com a variável explicativa produção nacional, calculado. Ou seja, a projeção para a Safra 2018/19 é de preços médios próximo dos R\$46,10/50kg, seguindo projeções econométricas. Adicionando o fator sazonalidade, as cotações esperadas para o início da Safra 2018/19 é de R\$42,15/50kg. Essa projeção foi construída com base em uma produção dentro da normalidade, ou seja, próxima da média histórica produtiva. Ressalta-se, todavia, como já destacado ao longo do presente estudo, que uma produção de arroz muito acima da média produtiva de 12,0 milhões de toneladas pode refletir em forte viés de baixa nas cotações internas.

Tabela 6
Resultado dos estudos de regressão para as variáveis explicativas produção nacional e oferta nacional

	AJUSTE DO MODELO			PRODUÇÃO EM MIL TONELADAS	PREVISÃO DO PREÇO MÉDIO
	ESTIMATIVA	DESVIO PADRÃO	SIG.		
MODELO - SAFRA 2015/16				SAFRA 2015/16	EM 2016
PRODUÇÃO SAFRA 2015/16	-0,00395	0,00182	0,04397	10.603,0	50,7
MODELO - SAFRA 2016/17				2016/17	EM 2017
PRODUÇÃO SAFRA 2016/17	-0,00395	0,00182	0,04397	12.327,8	43,9
MODELO - SAFRA 2017/18				2017/18	EM 2018
PRODUÇÃO SAFRA 2017/18	-0,00395	0,00182	0,04397	12.025,2	46,1
MODELO - SAFRA 2018/19				2018/19	EM 2019
PRODUÇÃO SAFRA 2017/18	-0,00395	0,00182	0,04397	12.000,0	46,1
MODELO - SAFRA 2017/18				2017/18	EM 2018
OFERTA NACIONAL SAFRA 2017/18	-0,00317	0,00161	0,06493	12.736,8	50,2

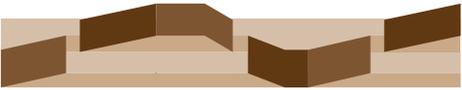
5. Considerações finais

Dado todas as informações apresentadas ao longo do trabalho, destaca-se que o setor do arroz no Brasil segue uma tendência de retração de área com manutenção da produção por meio do aumento da produtividade. Essa retração se dá primordialmente pela baixa rentabilidade do setor em comparação com outros setores agrícolas, com destaque para a Soja na Região Centro-Oeste.

Já sobre o incremento na produtividade das área semeadas, este tem sido alcançado principalmente pelo trabalho de desenvolvimento de novas variedades com potencial produtivo mais elevado e com maior resistência a doenças. Dentre as novas sementes, ilustra-se a IRGA 424 RI, que hoje é plantada na maior parte das lavouras gaúchas.

Ademais, é importante destacar a evolução do mercado orizícola brasileiro no competitivo mercado internacional, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela cadeia produtiva. O grão brasileiro tem sido direcionado principalmente para o mercado latino-americano e africano e, ao se considerar a alta qualidade do produto brasileiro, há potencial de expansão das exportações brasileiras. Entretanto, o alto custo de produção em razão da elevada carga tributária brasileira é o principal fator que diminui a competitividade do arroz brasileiro e dificulta uma maior ampliação de mercado.

Dada a relevância do setor orizícola no abastecimento interno e na segurança alimentar da população, o arroz sempre teve grande importância na formulação e execução das políticas agrícola e de abastecimento. É um dos produtos que o Governo Federal tem dado maior atenção, de modo que quando ocorrem fatores conjunturais dentro do raio de ação dos instrumentos de apoio, o Poder Público tem sido bem presente. Todavia, no curto e médio prazo não há indícios de necessidade de intervenção governamental.



MILHO

THOMÉ LUIZ FREIRE GUTH



1. Introdução

O Brasil encontra-se consolidado como 3º maior produtor de milho no mundo e 2º maior exportador, com um consumo doméstico do cereal elevado, uma vez que é um dos principais produtores mundiais de proteína animal:

Ao longo dos últimos cinco anos, a dinâmica da cadeia produtiva do milho mudou significativamente no país, visto que o grão deixou de ser apenas um produto destinado à alimentação animal, mas também uma commodity exportável, além de nestes dois últimos anos se firmar como uma matriz energética na produção de etanol.

Neste contexto, se configura este cereal, no cenário do agronegócio brasileiro, como um dos mais importantes, vindo a ter atenção não só de outros agentes da cadeia produtiva, como também nas políticas públicas do governo federal.

Desta feita, é premente que haja um estudo que indique de forma isenta e orientativa as tendências conjunturais e de mercado para a safra seguinte, no intuito de que os produtores tomem as decisões mais acertadas não apenas quanto ao quantitativo de área a semear, como também no concernente ao melhor aproveitamento de melhores momentos e oportunidades de comercialização da sua produção, visando uma melhor rentabilidade.

2. Panorama internacional

2.1. Oferta e demanda

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – Usda (sigla em inglês) divulgou o relatório de oferta e demanda mundial de milho, apresentando uma significativa queda no estoque mundial do cereal que saiu de 227,7 milhões de toneladas na safra 2016/17 para 151,9 milhões em 2018/19, ou seja, 75,7 milhões de toneladas a menos em apenas 02 safras posteriores.

Uma das razões desta queda é o significativo aumento do consumo mundial e uma produção que não acompanha na mesma intensidade, mesmo que superando o volume de 1,0 bilhão de toneladas produzidas. Desta feita, a relação estoque/consumo que já foi de 22,0%, chegou a 14,0%.

Tabela 1.
Oferta e demanda mundial de milho - julho de 2018 - mil t

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ CONSUMO
2014/2015	171.991	1.022.661	125.043	587.880	970.573	142.347	206.775	21,3%
2015/2016	206.775	973.245	139.281	602.209	989.618	119.676	210.007	21,2%
2016/2017	210.007	1.078.450	135.691	633.321	1.036.627	159.863	227.658	22,0%
2017/2018	227.658	1.033.743	146.334	649.376	1.065.507	150.496	191.732	18,0%
2018/2019	191.732	1.054.304	151.223	666.661	1.087.515	157.788	151.956	14,0%
2016/17	7.999,0	97.191,2	500,0	105.690,2	56.100,0	28.000,0	21.590,2	21.590,2

Fonte: Conab

Desta maneira, uma das razões para este cenário é o aumento do consumo de milho para a alimentação animal (13,41% em 05 anos), indicando que a melhora da economia de alguns países como China e Índia aumenta o consumo per capita de proteína animal, tendência esta que deve permanecer pelos próximos anos Brasil e Argentina podem, segundo o USDA, atingir um volume de 135,0 milhões de toneladas.

Gráfico 1.
Evolução do consumo mundial de milho para produção de ração (mil t)



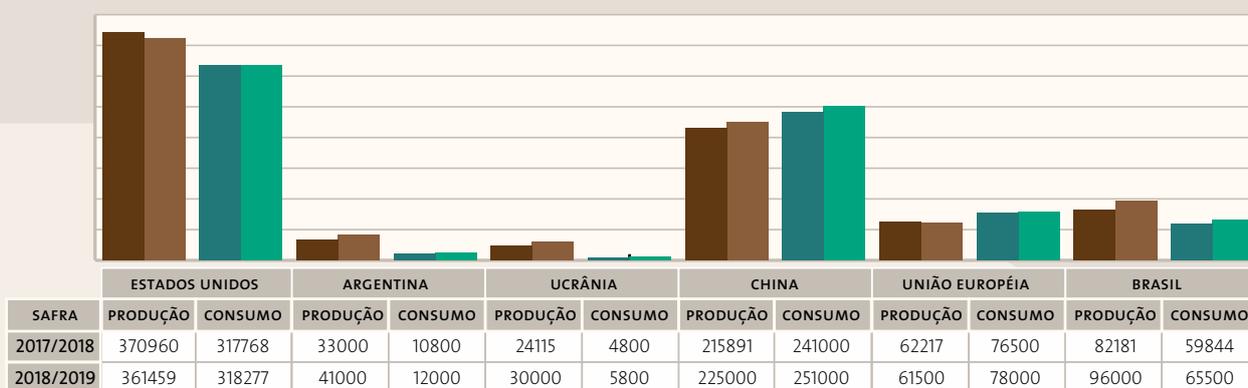
Fonte: USDA – Julho/18

De acordo com o Usda, a China retoma o crescimento da produção doméstica, no entanto, o consumo deve evoluir quase a mesma quantidade, isto é, cerca de 10,0 milhões de toneladas a mais. Porém, em função dos estoques iniciais mais baixos, o estoque de passagem chinês deve cair de 79,5 para 58,5 milhões de toneladas, levando a crer que em um futuro próximo este país venha a ser um importante participante nas importações mundiais.

Para melhor elucidar: a estimativa de importação de milho da China deve ser de 5,0 milhões de toneladas. O principal importador mundial de milho é a União Europeia que tem uma demanda atual de 16,0 milhões de toneladas/ano, ou seja, uma necessidade chinesa do cereal na ordem de 10,0 milhões de toneladas/ano, o que não é difícil de ocorrer já que coloca a China como um dos principais importadores do grão. Desta feita, é muito importante que o Brasil esteja atento nesta boa parceria/relação comercial com a China.

Os Estados Unidos devem continuar como principal produtor mundial de milho, todavia, com uma leve redução devido à uma diminuição na área plantada, provocando uma redução na produção na ordem de 9,0 milhões de toneladas em relação à safra anterior, ficando, até o momento, com uma previsão de 361,4 milhões de toneladas, muito similar à expectativa inicial da safra anterior que acabou superando às primeiras projeções. Contudo, as condições das lavouras estão superiores às registradas no mesmo período no ano anterior, o que pode provocar um incremento nesta produção, mesmo com registros de irregularidade regional de temperatura e pluviosidade.

Gráfico 2.
Produção e consumo dos principais países produtores de milho nas safras 2017/2018 e 2018/19 (mil ton)



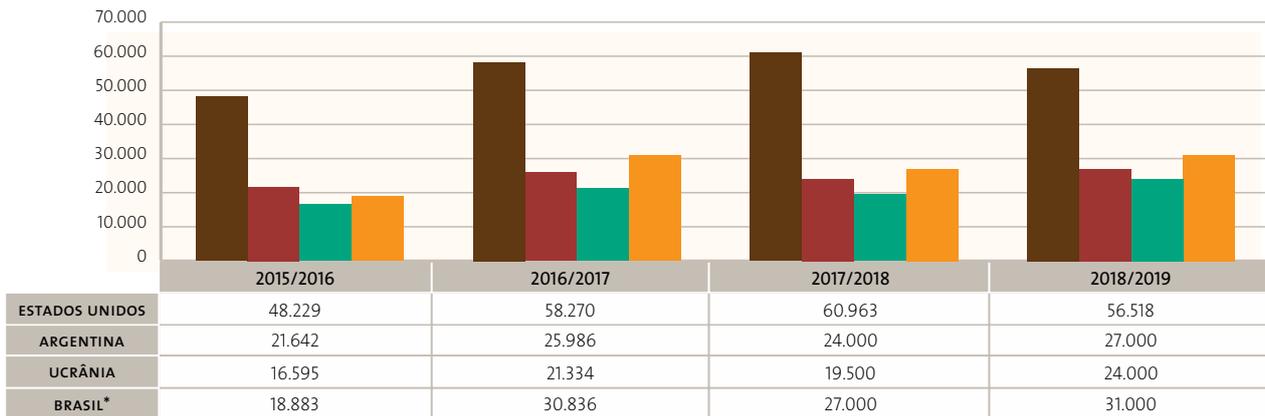
Fonte: USDA/Julho/18 e Conab (dados do Brasil para a safra 2017/18)

Já para o Brasil, o Usda estima um significativo incremento na produção, tendo em vista que a safra 2017/18 foi marcada por problemas climáticos, sobretudo para a 2ª safra, que reduziu bastante o volume de produção. Além disso, este departamento indica uma elevação no consumo brasileiro de milho para 65,5 milhões de toneladas, algo bastante improvável, visto que indicaria um aumento de quase 10,0% na demanda doméstica.

Para a Argentina, que também sofreu na safra 2017/18 com problemas de estiagem, ocasionando perda significativa de produção o Usda estima uma recuperação nesta produção que deverá chegar a 41,0 milhões de toneladas.

Neste contexto, os Estados Unidos devem caminhar como principal exportador de milho no mundo, seguido pelo Brasil, com uma estimativa de exportação de 31,0 milhões de toneladas de milho. (Usda)

Gráfico 3.
Principais exportadores de milho no mundo (mil t)



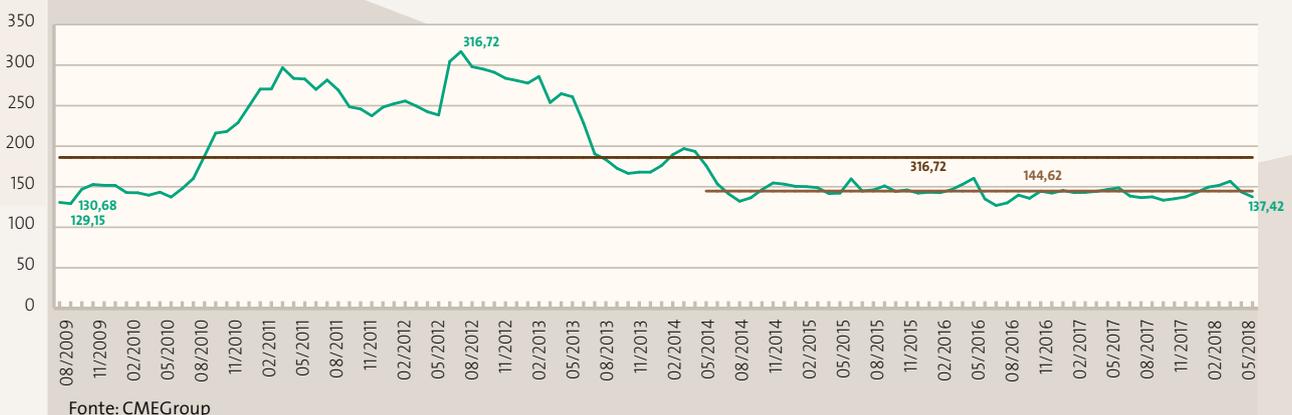
Fonte: USDA – Julho/18 e Conab (dados do Brasil de 2015/16 a 2017/18)

2.2. Preços internacionais

A principal referência de preços internacionais de milho é a Bolsa de Chicago que vem apresentando ao longo dos últimos 05 anos muito pouca variação. Tal situação pode ser explicada pelo incremento constante do volume de milho produzido não só mundialmente como nos Estados Unidos, vez que após a histórica quebra da safra estadunidense em 2013, este país manteve produções acima de 345,0 milhões de toneladas, gerando um estoque bastante confortável para o atendimento da demanda mundial.

Nesta conjuntura, as cotações do milho variaram entre US\$ 126,86 a 175,91/ ton (US\$ 3,22 a 4,46/bu), sendo que na maioria das vezes, ao longo desta série, o mercado trabalhou dentro do preço médio de US\$ 144,62/ton (US\$ 367,36/bu).

Gráfico 4.
Preços internacionais (CBOT 1ª entrega) - US\$/t - ago/2009 - julho/2018



Os níveis atuais de preços de US\$ 137,42/ton (US\$ 3,49/bu) indicam um entendimento do mercado de que a safra pode até não ser tão robusta quanto à passada, porém tende a ter um bom volume de produção.

No dia 30/07, o Usda divulgou que as condições da safra de milho norte-americana encontram-se em 72% boas e excelentes, mais de 10% acima do que ocorreu no mesmo período do ano anterior. Contudo, estados como Kansas, Michigan, Missouri, Carolina do Norte e Texas estão com menos de 50% das condições das lavouras boas e excelentes.

Nesta situação, consultorias privadas como a INTL FCStone, estima uma produtividade média acima de 11,0 ton/ha, gerando uma produção de até 369,9 milhões de toneladas, isto é, cerca de 8,0 milhões de toneladas acima da última projeção do Usda e muito próximo ao que foi produzido na safra anterior. Desta maneira as cotações do milho em Chicago tendem a não romper o limite de US\$ 157,47/ton (US\$ 4,00/bu).

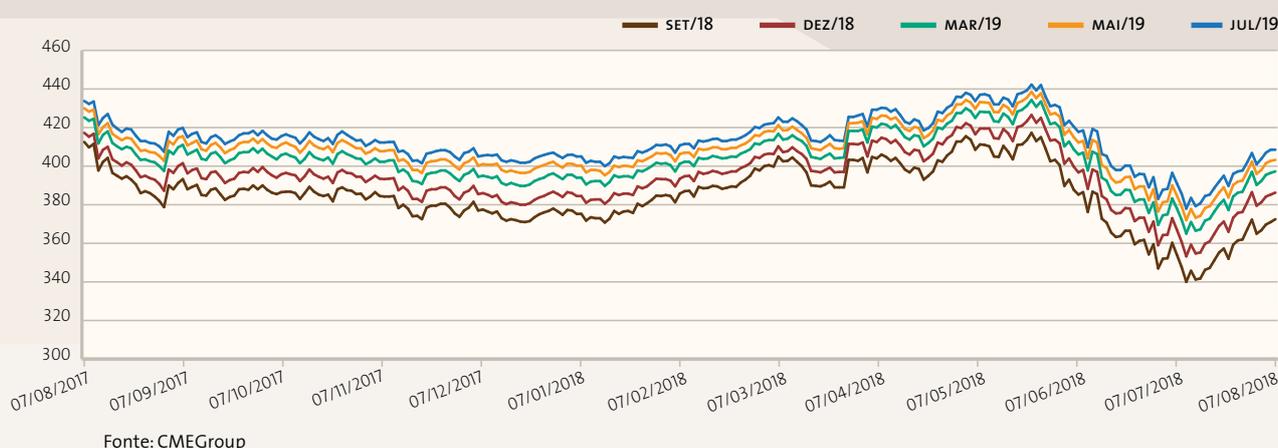
2.3. Projeções para a próxima safra

Como já citado anteriormente, as condições climáticas no Meio Oeste e a expectativa de mais uma boa safra nos Estados Unidos têm mantido os preços do milho na Bolsa de Chicago em níveis mais baixos.

Outro fator que pesa negativamente sobre as cotações internacionais do cereal é a guerra comercial entre Estados Unidos e China que, primeiramente afeta mais significativamente a soja norte-americana e, posteriormente, o sorgo e o DDGS, que os Estados Unidos exportam tradicionalmente para os chineses, podendo, desta maneira, afetar o estoque de passagem estadunidense e impactar negativamente nos preços.

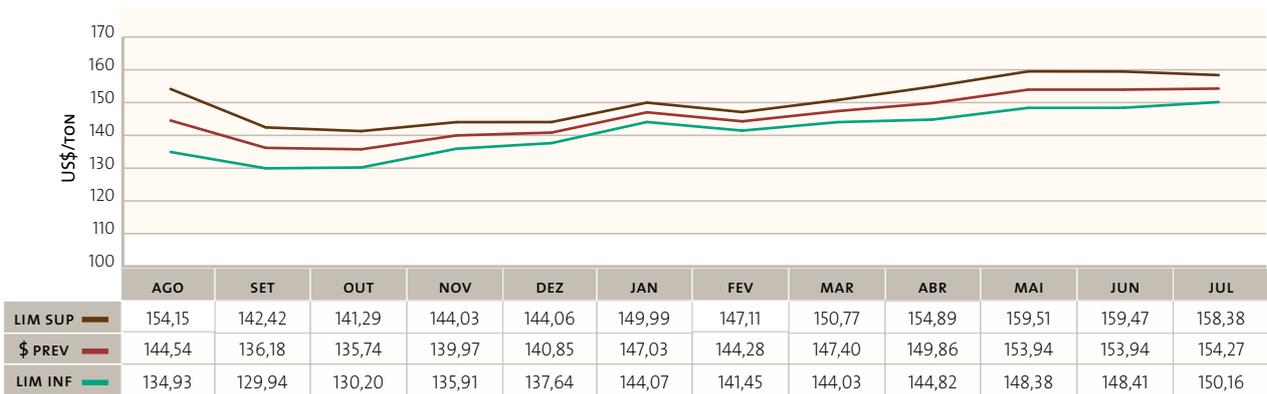
É obvio que para março de 2019, quando deverá ser divulgada a intenção de plantio da safra 2019/2020, o mercado diante deste cenário conjuntural de incertezas comerciais, tem a expectativa de diminuição de área ou, no mínimo sua manutenção. As cotações futuras (março a julho/19) indicam níveis por volta dos US\$ 157,47/ton (US\$ 4,00/bu) conforme exposto no gráfico abaixo.

Gráfico 5.
Evolução das cotações dos contratos de Milho - CBOT - US Cents/bushel



Utilizando-se de uma metodologia econométrica, observando a conjuntura de oferta e demanda mundial, a tendência de baixos preços do milho na Bolsa de Chicago, juntamente com a conjuntura geopolítica comercial entre Estados Unidos e países importantes para o agronegócio norte-americano como China e México, as cotações estimadas devem variar entre os limites; inferior e superior do gráfico abaixo, mais precisamente entre US\$ 129,94 e 159,51/ton (US\$ 3,30 a 4,05/bu). De qualquer maneira, este cenário já é suficiente para indicar cotações um pouco mais atrativas que as registradas em julho de 2016 para os diversos contratos em Chicago.

Gráfico 6.
Projeção das cotações de milho 1ª entrega na CBOT



Fonte: Conab

Ao destacar os meses de janeiro e julho de 2019, dois momentos importantes para a safra brasileira, as cotações em Chicago, considerando o ponto médio da previsão, podem ter valores médios mensais de US\$ 147,03/ton (US\$ 3,73/bu) e US\$ 154,27/ton (US\$ 3,91/bu), respectivamente.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda

Tabela 2.
Oferta e demanda brasileira de milho (Fev - Jan) - mil t

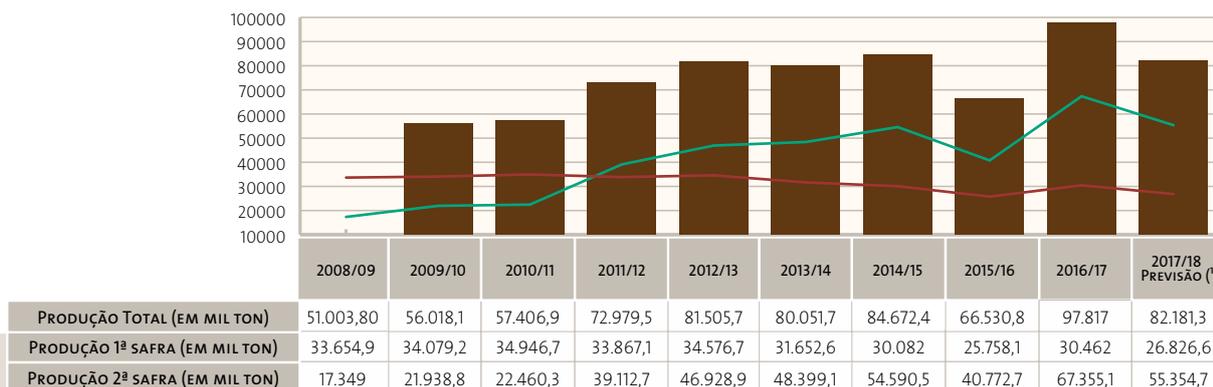
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	82.181,3	400,0	99.827,7	59.844,8	27.000,0	12.982,8

Fonte: Conab

A safra de milho 2017/18 do Brasil, apresentou um forte decréscimo em relação à anterior, basicamente por duas razões: diminuição de área plantada (sobretudo na 1ª safra, em função da opção pelo plantio da soja) e a forte estiagem que atingiu, principalmente, os estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais, para o milho 2ª safra.

De certa forma, o fato de se ter um volume de estoque de 17,2 milhões de toneladas remanescentes da safra 2016/17 colaborou para o atendimento da demanda interna que, apesar de se deparar com preços um pouco acima do que se esperava, em alguns momentos não teve problemas de oferta do grão. Mesmo por que este estoque inicial foi o suficiente para minimizar as perdas de produção que saiu de 97,8 para 82,1 milhões de toneladas, ou seja, 15,0 milhões de toneladas a menos, com o peso maior da diminuição da safra concentrado na 2ª safra.

Gráfico 7.
Comparativo de produção de milho 1ª e 2ª safra no Brasil (mil t)

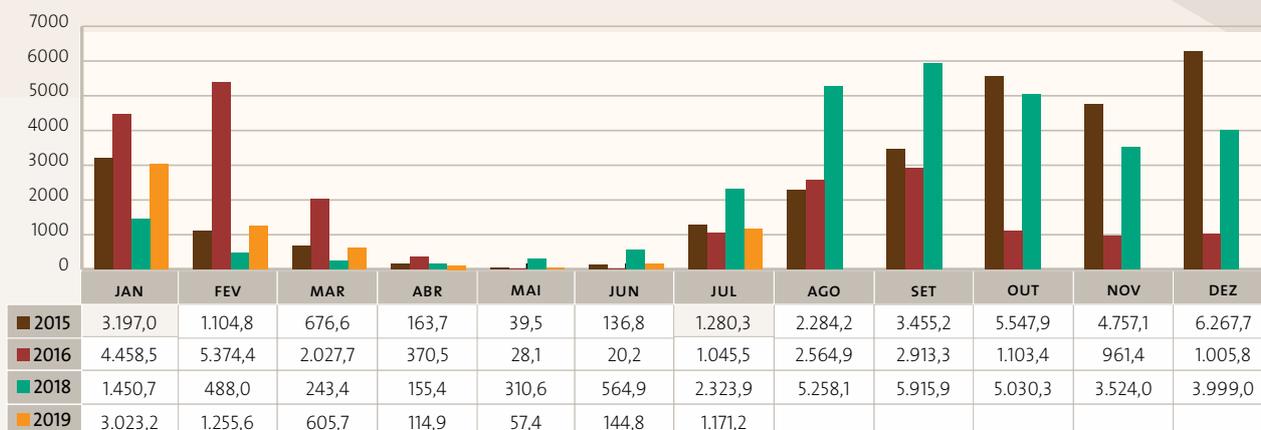


Fonte: Conab

Alguns fatores não convencionais do mercado de milho, como a greve dos caminhoneiros e o tabelamento de fretes vêm atrapalhando o fluxo de escoamento da safra e, por essa razão, há atraso nos embarques de exportação e incertezas em relação ao preço doméstico, vez que os agentes da cadeia acabam negociando para atendimento de demanda em curtas distâncias, evitando trajetos mais longos onde o custo de transporte tem um peso maior.

Neste sentido, observa-se que o volume de produto embarcado no acumulado de fevereiro a julho encontra-se bem abaixo do registrado em anos anteriores e os line ups para o próximo mês indicam valores abaixo de 4,0 milhões de toneladas. Desta feita, comparando com a safra 2016/17, onde as exportações de cereal se aproximaram de 31,0 milhões de toneladas, o ritmo atual está levando a crer que o volume acumulado para o final da safra 2017/18 será de 27,0 milhões de toneladas. Mesmo por que, apesar do bom volume de milho negociado antecipadamente, o tabelamento de fretes tem travado novos negócios, ou seja, as tradings não têm entrado no mercado, deixando as negociações apenas para atendimento à demanda do setor animal e indústrias de etanol.

Gráfico 8.
Exportações brasileiras mensais de milho - toneladas
janeiro 2015 - julho 2018



Fonte: Secex

Não obstante, é provável que havendo uma definição concretizada pelo Supremo Tribunal Federal – STF quanto à deliberação do assunto, agendado pelo Ministro Luiz Fux, para o final de agosto, boa parte do milho exportável possa ser embarcado nos meses de fevereiro e

março de 2019, como aconteceu em 2016, afetando a oferta do cereal para o mercado doméstico, caso a produção de 1ª safra sofra mais uma redução na área plantada.

Outro fator preocupante e relacionado diretamente a esta questão de transporte de cargas é a distribuição dos insumos para a safra seguinte, sobretudo dos fertilizantes. Fontes do mercado informam que o mês de julho foi marcado por indefinições quanto ao prazo de entrega e custos destes, podendo gerar com isto situações atípicas, com alguns produtores optando por plantar sem o seu uso ou aplicando o produto fora do período ideal, o que diminuiria sua eficiência e, por fim, a produtividade.

Em relação ao consumo doméstico, as questões comerciais internacionais e a demanda interna do setor animal devem dar a dinâmica do plantel até o fim do ano. Para a avicultura há uma diminuição da demanda interna e uma tarifa antidumping da China sobre algumas agroindústrias brasileiras.

Já o setor de suínos, apesar de queda nas exportações, sobretudo em função de embargos russos, há uma chance da situação se inverter, vez que as questões técnicas entre Brasil e Rússia parecem ter se resolvido, o que pode indicar um aumento nos embarques totais da carne suína.

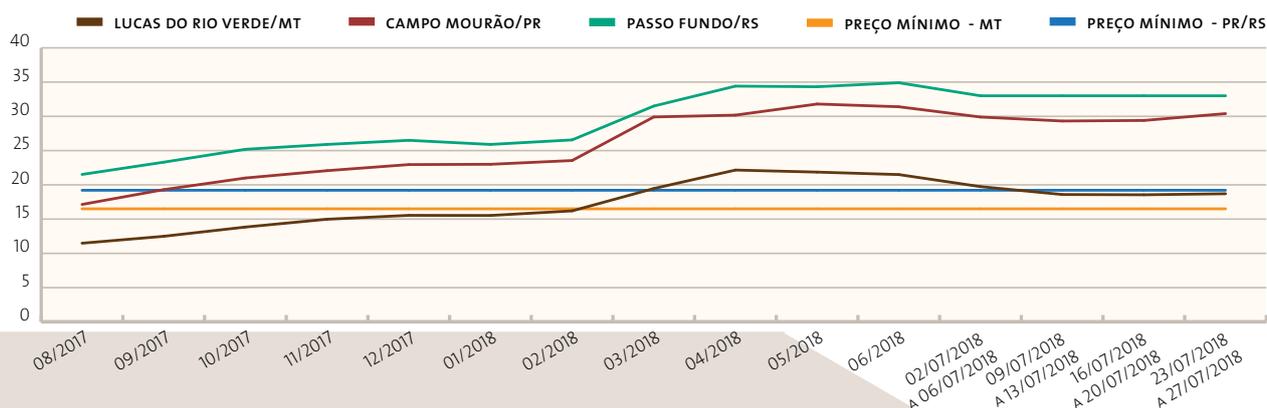
Já o confinamento bovino tende a aumentar neste ano. Assim, acredita-se que pode haver um certo incremento no consumo animal de milho, porém, não muito significativo. No entanto, há de se considerar a demanda de milho para produção de etanol impacta bastante, gerando um consumo estimado em 59,8 milhões de toneladas.

Neste cenário, o estoque final da safra 2017/18 deve ficar em 12,9 milhões de toneladas, ou seja, um volume de produto bastante confortável à demanda interna e que não chega a gerar forte redução nos preços.

3.2. Preços nacionais

Desde o início de 2018 os preços domésticos têm trabalhado acima do preço mínimo para todas as praças. Fatores já citados como diminuição da produção brasileira, principalmente do milho 2ª safra, devido às questões climáticas, e os problemas relacionados ao escoamento da produção (greve dos caminhoneiros e tabelamento dos fretes), foram determinantes para este comportamento.

Gráfico 9.
Preços médios de milho mensais recebidos pelos produtores – R\$/60Kg



Fonte: Conab

Além disso, as incertezas políticas, inclusive em relação às eleições gerais em outubro deste ano, abalaram na flutuação cambial, levando o dólar norte-americano a se aproximar dos R\$ 4,00 -, o que influenciou na paridade de exportação, ajudando a elevar os preços internos, mesmo com os valores do milho na Bolsa de Chicago abaixo de US\$ 157,47/ton (US\$ 4,00/bu).

No entanto, neste último mês as incertezas logísticas e as baixas cotações do milho em Chicago exerceram uma pressão baixista que só foi contida pelo início da colheita, que indicou rendimentos abaixo do esperando, gerando uma sensação no mercado de safra bem menor.

Na Região Sul, o estado do Paraná, único naquela localidade com superávit de produção, com a forte quebra da safra tem mantido os preços acima dos R\$ 30,00/60Kg. Obviamente que estas cotações não se comparam às registradas em 2016, onde a safra brasileira ficou abaixo de 70,0 milhões de toneladas, mas como o custo de importação de milho de estados como Mato Grosso e Goiás, (por parte dos criadores sulistas) está bastante elevado em função do preço do transporte, não há maiores pressões sobre estes preços regionais.

4. Perspectivas para a próxima safra

4.1. Análise do quadro de suprimento

A projeção de produção do Usda para o Brasil chega a um valor de 96,0 milhões de toneladas na safra 2018/19, isto é, um incremento de 16,81%, se comparado à safra anterior, e um pouco abaixo da safra 2016/17 (1,88%).

Vale salientar que, um volume de 96,0 milhões de toneladas seria o da segunda melhor safra de milho da história, lembrando que em 2016/17, o volume produzido se deu pelas produtividades, com condições climáticas que foram excepcionais, além de um aumento da 1ª safra de milho em 130 mil ha e na 2ª safra de quase 2,0 milhões de ha.

Todavia, para atingir o volume de produção do Usda o Brasil terá que aumentar a área plantada da 1ª safra de 5,07 milhões de ha em quase 300 mil ha, e com uma produtividade

média de 5,35 ton/ha; o que não seria muito difícil, se considerar os atuais níveis de preços do milho e, por ser uma safra de menos risco climático.

No entanto, a 2ª safra terá que ter um incremento na área e na produtividade média. Se for levado em conta que a área possa voltar aos 12,10 milhões de ha registrados na safra 2016/17 (534 mil ha a mais do que o que foi semeado na safra 2017/18), a produtividade média tem que ser, no mínimo, a mesma registrada na safra citada. Vale lembrar que as condições climáticas e de plantio só não foram melhores que as da safra 2014/15, ou seja, tem que dar tudo certo no período de plantio e no clima ou ter um incremento em área plantada ainda mais significativo.

Neste nível de produção, com uma estimativa de consumo de 62,5 milhões de toneladas, provocado não só pelo aumento no plantel animal, como com o crescimento do uso de milho para produção de etanol, tendo em vista o surgimento de mais indústrias de etanol full (somente milho como matéria-prima) ou flex (milho e cana); e uma exportação estimada em 32,0 milhões de toneladas, uma vez que há a possibilidade de se ter um bom volume da safra produzida em 2017/18 ainda sendo embarcada nos meses de fevereiro e março, bem como a possibilidade de se atender mercados como o chinês e o mexicano, tomando espaço dos norte-americanos, o estoque final pode ficar em 14,9 milhões de toneladas.

Tabela 3.
Oferta e demanda brasileira de milho (Fev - Jan)* - mil t

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	82.181,3	400,0	99.827,7	59.844,8	27.000,0	12.982,8
2018/19	12.982,8	96.000,0	400,0	109.382,8	62.500,0	32.000,0	14.882,8

Legenda: (*) Cenário com base em uma análise da projeção de produção do USDA, safra 2018/19

Fonte: Conab

No entanto, uma redução na produção, o que não seria improvável, pode afetar o volume de estoque, todavia, mesmo que ocorra uma redução para 92,0 milhões de toneladas, ainda haverá uma disponibilidade de produto confortável para o início de uma futura safra 2019/20 e, sem um excesso de milho que impacte fortemente nos preços domésticos, pelo menos no que tange a oferta e demanda interna.

4.2. Análise de rentabilidade

A rentabilidade da cultura tem sido um dos critérios que baliza o produtor rural na definição do seu planejamento de produção, sobretudo no tocante a dois produtos que concorrem por área plantada, como a soja e o milho 1ª safra.

Dentre os principais estados produtores, Rio Grande do Sul e Paraná, na Região Sul e a Bahia, representando o Matopiba, destacam-se por serem importantes produtores de soja e milho 1ª safra, podendo dar um indicativo da perspectiva ou não de incremento de área de

milho, mormente no concernente ao abastecimento no início do ano para o mercado interno.

O produtor rural tem tomado suas decisões dentro do momento de mercado atual em que se encontra, ou melhor, com parâmetros de custo e preço recentes. Assim, os custos utilizados para o estudo de rentabilidade são o de maio/18, e os preços, são os mais recentes, considerando a média de julho/18.

Para todas as praças estudadas, tanto o milho quanto a soja estão tendo uma rentabilidade que permite o pagamento de todos os custos, inclusive o operacional. Como o milho tem uma produtividade média aproximadamente três vezes maior que a soja, o cereal tem uma margem por hectare acima da soja no momento atual, exceto no Paraná, onde o preço da oleaginosa está bem elevado.

Tabela 4.
Comparativo de rentabilidade de milho e soja no RS, PR e BA

RIO GRANDE DO SUL	SOJA		MILHO	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	2200		7500	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	73,75	R\$/60KG	33,00	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	2704,17	73,75	4125,00	33,00
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1139,43	31,08	2045,35	16,36
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	1392,48	37,98	2658,43	21,27
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	1716,09	46,80	2955,21	23,64
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	1564,74	42,67	2079,65	16,64
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	1311,69	35,77	1466,57	11,73
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B3)	988,08	26,95	1169,79	9,36
ANÁLISE QUANTITATIVA:	KG/HA	KG/HA	60KG/HA	KG/HA
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ DC	1194,74	1194,74	19,91	1194,74
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ CV	1459,88	1459,88	24,33	1459,88
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ CO	1798,86	1798,86	29,98	1798,86
INDICADORES:				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	2,37	(A / B1)	2,02
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	1,94	(A / B2)	1,55
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	1,58	(A / B3)	1,40
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	57,9%	(A / A)	50,4%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	48,5%	(B / A)	35,6%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	36,5%	(C / A)	28,4%

Continua

PRÉVIA Perspectivas para a Agropecuária

PARANÁ	SOJA		MILHO	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	3000		8500	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	76,68	R\$/60KG	30,00	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	3834,00	76,68	4250,00	30,00
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1181,13	23,62	2026,76	14,31
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	1404,39	28,09	2673,67	18,87
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	1736,72	34,73	2997,12	21,16
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	2652,87	53,06	2223,24	15,69
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	2429,61	48,59	1576,33	11,13
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B3)	2097,28	41,95	1252,88	8,84
ANÁLISE QUANTITATIVA:	KG/HA	KG/HA	60KG/HA	KG/HA
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ DC	6.074	1194,74	101,24	1194,74
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ CV	7.719	1459,88	128,66	1459,88
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ CO	8.505	1798,86	141,74	1798,86
INDICADORES:				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	3,25	(A / B1)	2,10
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	2,73	(A / B2)	1,59
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	2,21	(A / B3)	1,42
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	98,1%	(A / A)	53,9%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	89,8%	(B / A)	38,2%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	77,6%	(C / A)	30,4%
BAHIA	SOJA		MILHO	
PRODUTIVIDADE MÉDIA (KG/HA)	3000		8400	
PREÇO DE MERCADO AO PRODUTOR	66,88	R\$/60KG	32,02	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - RECEITA BRUTA	3344,00	66,88	4482,80	32,02
B - DESPESAS:				
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	1485,15	29,70	2085,74	14,90
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	1834,06	36,68	2752,39	19,66
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	2097,77	41,96	3031,41	21,65
A) - MARGEM BRUTA S/ DC (A - B1)	1858,85	37,18	2397,06	17,12
B) - MARGEM BRUTA S/ CV (A - B2)	1509,94	30,20	1730,41	12,36
C) - MARGEM LÍQUIDA S/ CO (A - B3)	1246,23	24,92	1451,39	10,37
ANÁLISE QUANTITATIVA:	KG/HA	KG/HA	60KG/HA	KG/HA
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ DC	6.074	1194,74	101,24	1194,74
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ CV	7.719	1459,88	128,66	1459,88
PONTO DE EQUILÍBRIO S/ CO	8.505	1798,86	141,74	1798,86
INDICADORES:				
RECEITA SOBRE O CUSTEIO	(A / B1)	2,25	(A / B1)	2,15
RECEITA SOBRE O CUSTO VARIÁVEL	(A / B2)	1,82	(A / B2)	1,63
RECEITA SOBRE O CUSTO OPERACIONAL	(A / B3)	1,59	(A / B3)	1,48
MARGEM BRUTA (DC) / RECEITA	(A / A)	68,7%	(A / A)	58,1%
MARGEM BRUTA (CV) / RECEITA	(B / A)	55,8%	(B / A)	41,9%
MARGEM LÍQUIDA (CO) / RECEITA	(C / A)	46,1%	(C / A)	35,2%

Fonte: Conab

Nota: Foram utilizadas como praças de referência de preços e custos Passo Fundo e São Luiz Gonzaga para o RS, Campo Mourão para o PR e Barreiras para BA

Deste modo, é provável que o Paraná continue direcionando sua área a ser semeada para soja, optando pela manutenção da área de milho 1ª safra atual, pois poderá ter um incremento na 2ª safra, nesse estado.

Já para o Rio Grande do Sul e Matopiba, o produtor pode estar estimulado a aumentar a área plantada com o cereal.

De qualquer maneira, nos parâmetros atuais bem como na necessidade de atendimento da demanda interna e externa pelo milho brasileiro, acredita-se não haver diminuição de área, muito pelo contrário, a tendência é que no país haja um incremento de área.

4.3. Projeção de preços futuros

Mesmo com a possibilidade de aumento de área e, por consequência, da produção, a paridade de exportação, bem como o aumento da demanda total do milho nacional deverá manter os preços do milho em níveis favoráveis aos produtores nacionais.

No que se refere à paridade, mesmo com os contratos futuros indicando valores para 2019 entre US\$ 3,70 a 4,00/bu, ainda há uma expectativa de elevação na produção de milho nos Estados Unidos, dadas as condições atuais das lavouras no meio Oeste, que podem pressionar os valores do cereal na Bolsa de Chicago, o que não surpreenderia se ao longo do ano o milho variasse entre US\$ 3,40 a 3,80/bu.

Além disso, o boletim focus indica um dólar médio para 2019 de R\$ 3,70. Nesta situação, a paridade de preços para diversas praças podem seguir dois caminhos, a exemplo:

- No Paraná, tomando por referência a praça de Campo Mourão, caso o custo do frete fique dentro dos parâmetros normais de mercado, ou seja, sem o tabelamento de frete da ANTT, as cotações podem variar entre R\$ 32,14 a 35,64/60 Kg;
- No caso de manutenção do tabelamento atual do frete, os preços tendem a variar entre R\$ 31,14 a 34,64/60Kg, ainda assim, preços que permitem uma boa rentabilidade, considerando o atual parâmetro de custos de produção;

Tabela 5.
Estimativa de preços baseados na paridade do milho para o PR

PRAÇA BASE: CAMPO MOURÃO - FRETE MÉDIO (CAMPO MOURÃO - PARANAGUÁ) - R\$ 85,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	28,33	29,13	29,93	30,74	31,54	32,34	33,15	33,95
	3,50	29,31	30,14	30,96	31,79	32,62	33,44	34,27	35,10
	3,60	30,29	31,14	31,99	32,84	33,69	34,54	35,39	36,24
	3,70	31,27	32,14	33,02	33,89	34,76	35,64	36,51	37,39
	3,80	32,25	33,15	34,04	34,94	35,84	36,74	37,63	38,53
	3,90	33,23	34,15	35,07	35,99	36,91	37,84	38,76	39,68

Continua

PRAÇA BASE: CAMPO MOURÃO - FRETE MÍNIMO TABELA ANTT (CAMPO MOURÃO - PARANAGUÁ) - R\$ 100,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	27,33	28,13	28,93	29,74	30,54	31,34	32,15	32,95
	3,50	28,31	29,14	29,96	30,79	31,62	32,44	33,27	34,10
	3,60	29,29	30,14	30,99	31,84	32,69	33,54	34,39	35,24
	3,70	30,27	31,14	32,02	32,89	33,76	34,64	35,51	36,39
	3,80	31,25	32,15	33,04	33,94	34,84	35,74	36,63	37,53
	3,90	32,23	33,15	34,07	34,99	35,91	36,84	37,76	38,68

Fonte: Conab

- Estado de Goiás, semelhante ao que foi apresentado para o Paraná. Acredita-se que os preços deverão variar, vez que o peso do frete é maior entre R\$ 28,14 e R\$ 31,64/60Kg, caso não haja tabelamento do frete, ou, caso contrário, entre R\$ 25,74 a 29,24/60Kg, valores acima do preço mínimo para a próxima safra;

Tabela 6.
Estimativa de preços de paridade do milho para o GO

PRAÇA BASE: RIO VERDE - FRETE MÉDIO (RIO VERDE - SANTOS) - R\$ 150,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	24,33	25,13	25,93	26,74	27,54	28,34	29,15	29,95
	3,50	25,31	26,14	26,96	27,79	28,62	29,44	30,27	31,10
	3,60	26,29	27,14	27,99	28,84	29,69	30,54	31,39	32,24
	3,70	27,27	28,14	29,02	29,89	30,76	31,64	32,51	33,39
	3,80	28,25	29,15	30,04	30,94	31,84	32,74	33,63	34,53
	3,90	29,23	30,15	31,07	31,99	32,91	33,84	34,76	35,68
PRAÇA BASE: RIO VERDE- FRETE MÍNIMO TABELA ANTT (RIO VERDE - SANTOS) - R\$ 190,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	21,93	22,73	23,53	24,34	25,14	25,94	26,75	27,55
	3,50	22,91	23,74	24,56	25,39	26,22	27,04	27,87	28,70
	3,60	23,89	24,74	25,59	26,44	27,29	28,14	28,99	29,84
	3,70	24,87	25,74	26,62	27,49	28,36	29,24	30,11	30,99
	3,80	25,85	26,75	27,64	28,54	29,44	30,34	31,23	32,13
	3,90	26,83	27,75	28,67	29,59	30,51	31,44	32,36	33,28

Fonte: Conab

- Evidentemente que, especificamente no estado do Mato Grosso, os preços em Sorriso, principal Município produtor de milho do país, bem como das demais praças produtoras da Região Norte do estado, a situação do frete tende a impactar ainda mais, gerando uma variação de preços entre R\$ 19,14 a 22,64/60Kg, caso se tenha um frete médio de R\$ 300,00/ton no transporte de Sorriso a Santos e entre R\$ 16,74 a 20,24/60Kg, aumentando o risco de preços abaixo do mínimo se o mercado

trabalhar com valor de frete mínimo (de acordo com o tabelamento da ANTT) de R\$ 340,00/ton., para a mesma rota.

Tabela 7.
Estimativa de preços baseados na paridade do milho para o MT

PRAÇA BASE: SORRISO - FRETE MÉDIO (SORRISO - SANTOS) - R\$ 300,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	15,33	16,13	16,93	17,74	18,54	19,34	20,15	20,95
	3,50	16,31	17,14	17,96	18,79	19,62	20,44	21,27	22,10
	3,60	17,29	18,14	18,99	19,84	20,69	21,54	22,39	23,24
	3,70	18,27	19,14	20,02	20,89	21,76	22,64	23,51	24,39
	3,80	19,25	20,15	21,04	21,94	22,84	23,74	24,63	25,53
	3,90	20,23	21,15	22,07	22,99	23,91	24,84	25,76	26,68
PRAÇA BASE: SORRISO - FRETE MÍNIMO TABELA ANTT (SORRISO - SANTOS) - R\$ 340,00/T									
COTAÇÃO NA BOLSA DE CHICAGO (US\$/BUSHEL)									
		3,30	3,40	3,50	3,60	3,70	3,80	3,90	4,00
DÓLAR	3,40	12,93	13,73	14,53	15,34	16,14	16,94	17,75	18,55
	3,50	13,91	14,74	15,56	16,39	17,22	18,04	18,87	19,70
	3,60	14,89	15,74	16,59	17,44	18,29	19,14	19,99	20,84
	3,70	15,87	16,74	17,62	18,49	19,36	20,24	21,11	21,99
	3,80	16,85	17,75	18,64	19,54	20,44	21,34	22,23	23,13
	3,90	17,83	18,75	19,67	20,59	21,51	22,44	23,36	24,28

Fonte: Conab

5. Considerações finais

Neste contexto, o produtor tende a encontrar na safra 2018/19, um cenário mais confortável tanto no abastecimento do milho no mercado quanto nos preços domésticos, tomando-se por base os critérios de paridade.

Deve-se levar em consideração que a depender do resultado das eleições presidenciais e seus efeitos na economia nacional, o dólar pode variar significativamente, afetando as condições de paridade, bem como os preços internos.

Além disso, as questões do frete também serão fundamentais para o direcionamento do mercado de milho para a safra seguinte. De qualquer maneira, é primordial que o produtor brasileiro observe as oportunidades de mercado não só para atendimento do mercado externo, como, principalmente, para a demanda interna que, nas últimas safras, em alguns momentos do ano, tem se permitido pagar um pouco mais do que as tradings.

A demanda interna deverá ter o incremento da produção de etanol que pode se tornar um importante parceiro do produtor de milho, além do setor de proteína animal, sobretudo o setor de suínos, confinamento bovino e avicultura de postura.

No cenário externo, oportunidades como China e México não devem ser deixadas de lado, ressaltando, todavia, que os Estados Unidos devem continuar, ao que tudo indica pelo desenvolvimento das lavouras do Meio Oeste, com uma excelente produção e que não estarão dispostos a perder participação de mercado para Brasil e Argentina, mesmo com a atual política comercial de Donald Trump.

Vale salientar que o governo estadunidense deve dar suporte financeiro ao setor agropecuário em até US\$ 12 bilhões para que não haja perdas em participação nas exportações, justamente para diminuir os impactos das taxações dos produtos norte-americanos pela China e, possivelmente, por outros países.

SOJA

LEONARDO AMAZONAS



1. Introdução

O objetivo deste trabalho é expor para o agricultor brasileiro uma análise de mercado que terá início em setembro de 2018, bem como uma provável estimativa de safra de soja baseada nos números do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), além de um diagnóstico sobre os possíveis preços e rentabilidade para a safra 2018/19.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as exportações de 2017 foram estimadas em US\$ 217,74 bilhões, em 2016 em US\$ 185,23 bilhões.

O complexo soja, composto pela soja em grãos e seus derivados como óleo e farelo de soja foi o principal produto exportado em 2017, representando 14,10% de toda a exportação brasileira, ou seja, US\$ 30,69 bilhões, ficando à frente de produtos importantes como minérios, petróleo e combustíveis.

Daí a importância do acompanhamento do panorama internacional, pois, sendo o Brasil o maior exportador de soja mundial, os preços internacionais afetam diretamente a balança comercial brasileira, e mais diretamente os preços deste complexo no mercado nacional.

Além disto, a soja em grãos é esmagada internamente, extraíndo-se dois subprodutos: o óleo e o farelo de soja. Em 2017 estima-se que foram esmagadas, aproximadamente, 46,10 milhões de toneladas de soja em grãos, onde foram produzidas, aproximadamente, 8,15 milhões de toneladas de óleo de soja, usado, sobretudo, para o consumo humano e para fabricação de biodiesel.

Ainda, em 2017, foram produzidos, em média 32,18 milhões de toneladas de farelos de soja, usados, sobretudo, para alimentação proteica animal de aves, suínos e bovinos e alimentação humana industrial.

Tabela 1.
Principais produtos exportados Brasil - US\$/FOB

	2017		2016		2016/2017
	VALOR	PART. %	VALOR	PART. %	VAR. %
TOTAL	217.739.177.077	100%	185.235.400.805	100%	17,55%
Soja em grão	25.717.736.799	11,81%	25.422.407.980	11,68%	1,16%
Minérios de ferro e seus concentrados	19.199.154.102	8,82%	25.402.091.916	11,67%	-24,42%
Óleos brutos de petróleo	16.624.996.815	7,64%	13.477.319.937	6,19%	23,36%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig. incl.miudos	6.427.893.122	2,95%	15.816.098.724	7,26%	-59,36%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	5.069.890.208	2,33%	13.920.845.488	6,39%	-63,58%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	4.973.331.347	2,28%	12.709.651.516	5,84%	-60,87%
Café cru em grão	4.600.226.342	2,11%	11.608.273.484	5,33%	-60,37%
Milho em grãos	4.567.018.755	2,10%	11.331.730.387	5,20%	-59,70%
Minérios de cobre e seus concentrados	2.485.258.236	1,14%	7.490.108.059	3,44%	-66,82%
Fumo em folhas e desperdícios	2.000.441.012	0,92%	7.445.547.779	3,42%	-73,13%
Carne de suíno congelada, fresca ou refrigerada	1.465.030.961	0,67%	5.430.064.741	2,49%	-73,02%

Fonte: Secex

2. Mercado internacional

O mercado internacional de soja é composto por quatro principais players Produtores e Exportadores: Brasil, Estados Unidos e Argentina, e um comprador (importador) a China.

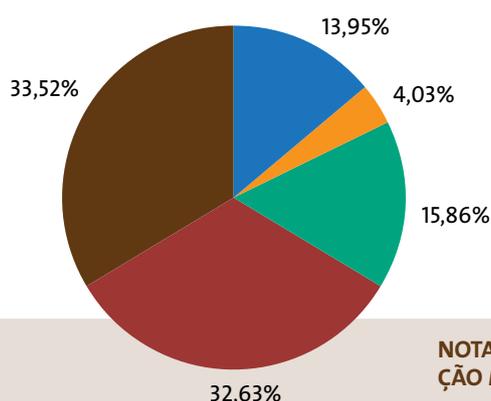
Segundo estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em sua última divulgação do quadro de oferta e demanda mundial, referente ao mês de julho/2018, foi estimado para a safra mundial de soja em grãos 2018/19 que Brasil (33,52%), EUA (32,63%) e Argentina (15,86%), são responsáveis por 82,01% de toda a produção mundial de soja em grão, a China por 61,54% de todas as importações mundiais.

2.1. Produção mundial de soja

Em seu relatório de julho de 2018 o Usda estima que a safra mundial de soja em grãos 2018/19 será de aproximadamente 359,49 milhões de toneladas; valor 6,76% maior que o estimado na safra 2017/18 de 336,70 milhões de toneladas.

Este aumento é ocasionado por uma perspectiva de aumento de produção de safra no Brasil e principalmente por uma recomposição de safra na Argentina após uma forte quebra de safra em 2018.

Gráfico 1.
Produção mundial de soja em grãos - safra 2018/2019



País	SAFRA		DIFERENÇA %
	2017/2018	2018/2019	
BRASIL	119,50	120,50	0,84%
ESTADOS UNIDOS	119,52	117,30	-1,86%
ARGENTINA	37,00	57,00	54,05%
CHINA	14,20	14,50	2,11%
OUTROS	46,49	50,16	7,91%
TOTAL	336,70	359,46	6,76%

NOTA: E.U.A, BRASIL E ARGENTINA SÃO RESPONSÁVEIS POR 81,01% DA PRODUÇÃO MUNDIAL

Fonte: Usda/jul.2018

2.1.1. Estados Unidos

A safra 2018/19 dos Estados Unidos é estimada pelo Usda em 117,30 milhões de toneladas.

Comparada com a safra 2017/18, este Departamento estima um decréscimo de produção de um pouco mais de 2,22 milhões de toneladas (-1,86%), motivada pelas reduções de área americana, que na safra 2017/18 era de 36,22 milhões de hectares, que passou a ser estimada em 35,96 milhões de hectares, na safra 2018/19.

Esta estimativa de área americana ainda não é definitiva, já que existem as possibilidades de variações tanto negativas quanto positivas.

Outro fator importante de redução de safra foram as produtividades, que para safra 2018/19, é calculada pela média dos últimos cinco anos, por este motivo, está em 3.260 kg/ha, já na safra anterior, este valor foi estimado em 3.300 kg/ha.

2.1.2. Brasil

A estimativa do Usda é de que o Brasil seja o maior produtor de soja do mundo. No entanto, ainda é muito cedo para estimar qual vai ser a provável área e produtividade para a safra 2018/19, que começa a ser plantada em setembro. O Usda estima que as áreas plantadas no Brasil deverão ter uma expansão de quase 7% passando de 35,10 milhões de hectares na safra 2017/2018 para 37,50 milhões de hectares na safra 2018/19. Já a produtividade, calculada pela média dos 5 anos, será de 3.210 kg/ha para safra 2018/2019, na safra 2017/18 este valor era de 3.41 kg/ha.

Por isto, segundo o Usda, a produção de soja para a safra 2018/2019 no Brasil deve ser de 120,50 milhões de toneladas, todavia, esta produção irá depender de como o clima vai influenciar na produtividade da safra que iniciará em setembro de 2018.

2.1.3. Argentina

Para a Argentina o Usda avalia que a safra 2018/19 será de 57 milhões de toneladas.

Na Argentina foram muitos os problemas climáticos devido à poucas chuvas (seca) e temperaturas altas no decorrer da safra 2017/18, fazendo com que a safra em questão sofresse uma forte redução e ficando em apenas 56 milhões de toneladas. Por isto, o número da safra 2018/19 divulgado pelo Usda ficará dentro da média dos últimos anos.

2.1.4. China

A China, apesar de ser o maior consumidor de grãos de soja do mundo é responsável por apenas 4,03% de toda a produção mundial, com estimativa de produção para a safra 2018/19 de apenas 14,50 milhões de toneladas -, este valor é 2,84% maior que o estimado na safra 2017/18, calculada em 14,20 milhões de toneladas.

Gráfico 2.
Esmagamento mundial soja em grãos - safra 2018/2019



NOTA: CHINA, EUA, ARGENTINA E BRASIL SÃO RESPONSÁVEIS POR 76,90% DOS ESMAGAMENTOS MUNDIAIS.

Fonte: Usda/jul.2018

2.2. Esmagamento mundial de soja

Segundo o Usda haverá aumento de esmagamento mundial de soja, safra 2018/19, em relação à safra 2017/18, de aproximadamente 4,39% - com um valor de 309,31 milhões de toneladas em esmagamentos. O aumento absoluto é de 13,02 milhões de toneladas.

2.2.1. China

A China é o maior esmagador de soja do mundo, responsável por cerca de 31,20% de todos os esmagamentos mundiais. Somados aos esmagamentos dos Estados Unidos, com 17,99% dos esmagamentos mundiais, Argentina, com 13,90% e Brasil com 13,80%, respondem por 76,90% de todos os esmagamentos mundiais.

Mesmo produzindo apenas 14,50 milhões de toneladas, a china é o maior esmagador de soja do mundo, graças a sua importação que deve chegar a 95 milhões de toneladas. Os esmagamentos de soja chinesa, segundo o Usda, tiveram um pequeno crescimento de 4,89%, valor percentual dentro da média dos últimos anos.

Para a safra 2017/18, os esmagamentos totais são estimados em 309,31 milhões de toneladas.

Em comparação à safra anterior houve um incremento mundial de esmagamento no valor de 13 milhões de toneladas sendo 4,50 milhões do incremento de esmagamento da China.

2.2.2. Estados Unidos

Os esmagamentos dos Estados Unidos para a safra 2018/19 devem aumentar em apenas 410 mil toneladas passando de 55,25 milhões de toneladas da safra 2017/18 para 55,66 na safra atual.

2.2.3. Argentina

Segundo o Usda, a Argentina deve esmagar 43,00 milhões de toneladas de soja em grãos, ou seja, aumento de 9,83% em relação à safra anterior onde houve uma quebra de safra significativa. Com isto, aquele país se destaca como o terceiro maior esmagador mundial, com 13,90% de todas as exportações estimadas para a safra 2018/19.

2.2.4. Brasil

Ainda, segundo aquele departamento, para a safra 2018/18 o Brasil deverá esmagar, aproximadamente, 42,70 milhões de toneladas de soja em grãos, isto é, uma redução nos esmagamento de 0,70% em relação à safra anterior.

2.3. Importação mundial de soja

As importações mundiais para a safra 2018/19 estão estimadas em 154,36 milhões de toneladas, valor é apenas 0,05% maior que o previsto para a safra 2017/18, com um aumento absoluto de apenas 80 mil toneladas.

Gráfico 3.
Exportação mundial de soja em grãos – safra 2018/2019



NOTA: A CHINA E A UNIÃO EUROPEIA SÃO RESPONSÁVEIS POR 71,45% DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS.

Fonte: USDA/jul.2018

2.3.1. China

Como a China produz apenas 14,5 milhões de toneladas de grãos e esmaga 95,00 milhões de toneladas, para safra 2018/19 deverá continuar como maior importador de soja mundial, com cerca de 61,54% de toda soja em grãos importada.

Segundo o Usda a China deve reduzir as suas importações mundiais em 2,06%. O principal fator desta redução é a guerra comercial entre Estados Unidos e China, pois os chineses taxaram em 25% a soja dos Estados Unidos, o segundo maior exportado de soja para este país.

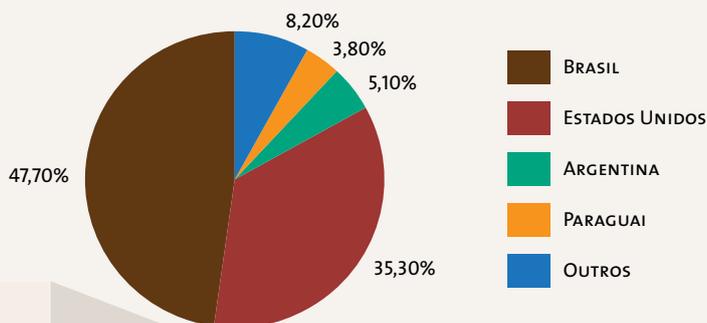
2.3.2. Demais países

Os demais países, juntos, são responsáveis por 38,45% das importações mundiais. A União Europeia em segundo lugar (9,91%), com importação de 15,30 milhões de toneladas e um aumento de importação estimado em 8,51%, o México em terceiro lugar (3,26%), com 4,75 milhões de toneladas e um aumento de importação, estimado em 3,26%.

2.4. Exportação mundial de soja

O Usda avalia que as exportações mundiais de soja para a safra 2018/19, cheguem a 157,32 milhões de toneladas, representando aumento de apenas 3,34%, em relação às expectativas de exportações mundiais, safra 2017/18, que foram de 152,24 milhões de toneladas.

Gráfico 4.
Exportação mundial de soja em grãos – safra 2018/2019



PAÍS	SAFRA		DIFERENÇA %
	2017/2018	2018/2019	
BRASIL	74,65	75,00	0,47%
ESTADOS UNIDOS	56,74	55,52	-2,16%
ARGENTINA	3,10	8,00	158,06%
PARAGUAI	6,25	5,90	-5,60%
OUTROS	11,50	12,90	12,21%
TOTAL	152,24	157,32	3,34%

NOTA: BRASIL E EUA SÃO RESPONSÁVEIS POR 82,96% DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS.

Fonte: USDA/jul.2018

Como maiores produtores de soja, responsáveis por 66,15% da produção mundial, o Brasil (47,67%) e os Estados Unidos (35,29%), são responsáveis por 82,96% de todas as exportações mundiais.

2.4.1. Brasil

O Brasil, na safra 2018/19, continua a ser o maior exportador de soja do mundo, com 75 milhões de toneladas soja em grãos exportados, aumento de 0,47%, em relação às exportações da safra 2017/18 estimada em 74,65 milhões de toneladas, segundo o Usda.

2.4.2. Estados Unidos

Os Estados Unidos vêm em seguida com 55,52 milhões de toneladas e com uma redução de exportação em relação à safra passada de 2,16%, de 56,74 milhões de toneladas. Este valor de exportação deve ser menor se a China taxar as exportações americanas em 25%, já que este país é responsável por mais de 62% das exportações americanas.

2.5. Estoque final mundial

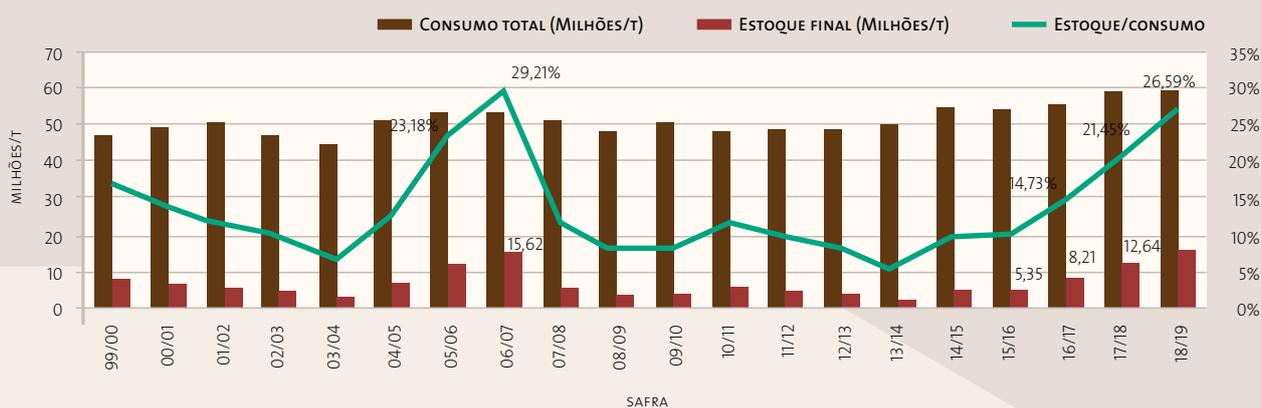
Em relação aos estoques de passagem mundiais de soja, para a safra 2018/19 de 2,34%, o Usda estima aumento, se comparado ao praticado no ano anterior, ficando em aproximadamente 98,27 milhões de toneladas.

2.5.1. Estados Unidos

Para a safra 2017/18, os estoques de passagem dos Estados Unidos devem ser os maiores já praticados historicamente. Este país deve produzir aproximadamente 117,30 milhões de toneladas e esmagar 55,66 milhões de toneladas. Até o momento a estimativa de exportação americana está em 55,52 milhões de toneladas, mas com a taxaçoão chinesa à soja americana este valor deve ser menor e, conseqüentemente, aumentar os estoques de passagem americanos, que não têm conseguido exportar para outro país a soja excedente.

Com isto, para a safra 2018/19, os Estados Unidos devem ter a maior relação estoque/consumo da história, o que deve afetar diretamente nos preços internacionais.

Gráfico 5.
Relação estoque e consumo EUA



Fonte: USDA

2.6. Preços internacionais

Gráfico 6.
Preços internacionais (CBOT) - nov.2003 - jun.2018



Fonte: CBot

2.6.1. Os fatores de alta em 2018 (até julho de 2018)

- Quebra de safra na Argentina:

Os problemas climáticos ocorridos na Argentina foi o principal fator altista no primeiro semestre de 2018. Durante praticamente mais de 5 meses a bolsa de valores de Chicago sustentou os preços internacionais nesse fundamento. A Argentina, que na safra 2016/17 produziu um pouco mais de 57,80 milhões de toneladas, na safra 2017/18, produziu um pouco mais de 39 milhões de toneladas, ou seja, uma quebra de mais de 17 milhões de toneladas, que afetou, não somente a produção de soja mundial, mas especialmente a produção de farelo e óleo de soja, influenciando positivamente nos preços.

- Redução de área e produção dos Estados Unidos da safra 2018/19:

Desde o início do ano, os americanos já haviam sinalizado uma redução de área de soja para a safra 2018/19, e apesar dos preços estarem melhores que os preços de milho nos Estados Unidos (em 2017), as áreas de soja norte-americanas, para safra 2018/2019, foram estimadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) com uma redução de 0,74%. Com isto, a produção de soja dos Estados Unidos passou de 119,52 milhões de toneladas para 117,30 milhões de toneladas; redução causada pelos baixos preços nos mercados internacionais (CBOT), ainda em 2017.

- Aumento dos esmagamentos americanos da safra 2017/18:

Outro fator que por vários momentos deu sustentação aos preços internacionais em 2018 foram os esmagamentos de soja americanos na safra 2017/18.

Para entender melhor, basta comparar o valor de esmagamento americano de soja do primeiro quadro de oferta e demanda do Usda em maio de 2017 para a safra 2017/18. Em maio de 2017 o valor estimado para esmagamento americano era de 53,07 milhões de toneladas já o atual (julho de 2018), para mesma safra, é de 55,25 milhões de toneladas, ou seja, houve aumento das estimativas de esmagamento americanos em maio de 2017 até o momento (julho de 2018) de aproximadamente 2,25 milhão de toneladas. Se comparada à safra 2016/2017 este aumento foi de 3,50 milhões de toneladas, o que afeta diretamente nos estoques de passagem em 2018.

2.6.2. Os fatores de baixa em 2018 (até julho de 2018)

- Alta produção de soja na safra 2017/2018 dos Estados Unidos:

Segundo o Usda, as produções americanas passaram de 106,86 milhões de toneladas na safra 2015/2016 para 116,92 milhões de toneladas na safra 2016/17 e 119,52 milhões de toneladas na safra 2017/18.

- Alta safra brasileira de grãos na safra 2017/18:

Segundo o Usda, no mês de maio de 2017 a produção brasileira de soja, para a safra

2017/2018 seria de 111,60 milhões de toneladas, já no último relatório divulgado (julho de 2018), este valor passou para 120,50 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de quase 9,0 milhões de toneladas.

- Baixas exportações americanas para a safra 2017/18:

Durante 2017 as exportações americanas para a safra 2017/18 foram estimadas em 61,24 milhões de toneladas. No entanto, com os preços internacionais oscilando abaixo de US\$ 10/bu, os americanos reduziram suas exportações, e no mês de julho de 2018, estas foram estimadas em apenas 55,52 milhões de toneladas, ou seja, entre as safras 2016/17 e 2017/18 houve uma redução de exportação de 1,22 milhões de toneladas.

Cabe salientar que, além dos preços internacionais em baixa, o dólar forte fez com que outros países, como o Brasil ficassem mais competitivo no mercado de soja, além disto, devido a problemas climáticos ocorridos na época de plantio da safra 2017/18, a soja americana estava com um percentual de óleo nos grãos, menor do que o mercado recomenda.

- Estoque de passagem americano na safra 2017/18 e safra 2018/19.

Os estoques de passagem dos Estados Unidos para a safra 2017/2018 foram estimados em 12,64 milhões de toneladas, ou seja, um dos maiores estoques de passagem da história dos EUA, atrás, apenas, ao da safra 2006/07 que foi de 15,62 milhões de toneladas.

Já os estoques de passagem da safra 2018/19 foram estimados em mais de 15,77 milhões de toneladas, o maior estoque da história americana e o segundo maior percentual de estoque/consumo deste país.

- Taxação da soja americana pelos Chineses.

Para finalizar os fatores de baixa em 2018, o acontecimento mais importante, para baixas de preços em 2018, foi que a China, em retaliação à taxaço de minério de ferro imposta pelos Estados Unidos, divulgou que iria taxar a soja americana em 25%, com isto, as exportações americanas que já estavam prejudicadas devido aos fatores já citados, foram prejudicadas mais ainda, tanto na safra 2017/18, quanto na próxima safra 2018/19.

Com isto, tirando alguns fatores isolados e momentâneos, o mercado internacional, ficou oscilando entre US\$ 9,40/bu e US\$ 10,60/bu, sustentado, principalmente, pelos problemas climáticos na Argentina até início de junho de 2016. A partir de 05 de junho, os preços começaram a ter uma baixa significativa, chegando a ser cotados ao valor de US\$ 8,14/bu ainda em julho de 2018, devido a possível taxaço (25%) da soja americana pelos Chineses.

2.6. Perspectivas de preços para 2019

Apesar da redução de área plantada nos Estados Unidos, prevista pelo Usda, para a safra 2018/2019, a produtividade média estimada para esta safra, que é baseada em uma média estatística das últimas produtividades, deve ser maior, isto, claro, se não houver nenhum problema climático no desenvolver da cultura.

Por isto, o clima norte-americano deve ser um fator de grande relevância até o início da colheita dos Estados Unidos, em setembro de 2018.

Caso haja algum problema climático, existe uma tendência de que os preços subam um pouco, mas caso não ocorra nenhum problema climático, os preços devem continuar nos patamares abaixo de US\$ 9,00/bu, pois a produção americana pode chegar a mais de 117 milhões de toneladas na safra 2018/19.

Outro fator que influencia nos preços internacionais é a produção brasileira de soja para a safra 2018/19, que provavelmente deve ser maior que a estimada pelo Usda. A área estimado pelo Usda para safra brasileira para safra 2018/19 é de 37,50 milhões de hectares um aumento de mais de 7% em relação à safra 2017/18.

Porém, assim como a produtividade dos Estados Unidos, a produtividade brasileira tem grandes chances de ser maior que a estimada atualmente pelo Usda em 3.210 kg/ha, isto é, se também não ocorrer nenhum problema climático no decorrer do desenvolvimento da cultura. Portanto, a safra brasileira pode ser um fator de alta ou de baixa para o final de 2018 e início de 2019 -, tudo vai depender se o clima vai ou não afetar as produtividades da safra 2018/2019.

Outra produção que vale a pena ser comentada é a da Argentina, que deve voltar à normalidade e ficar, em 2019, no valor de 56 a 58 milhões de toneladas. Isto é, mais uma vez, se não houver problemas climáticos como o ocorrido na safra 2017/18, que reduziu em mais de 13 milhões a safra da Argentina e deu sustentação aos preços internacionais em 2018.

Um fator de grande relevância, que deve afetar drasticamente os preços internacionais ainda em 2018 e 2019, é a possível taxaço de 25% da importação de soja americana pelos chineses.

Com a possível taxaço chinesa, as exportações americanas da safra 2018/19 devem ser menores?

Quando os preços ficam próximos ou menores de US\$ 9/bu, as exportações americanas começam a reduzir. Deste modo, para que as exportações americanas, na safra 2018/19, não caiam, e caso haja taxaço de importação chinesa de 25%, é necessário que os preços internacionais estejam acima de US\$ 11/bu para que os americanos continuem a exportar.

A China é de longe o maior importador de soja do mundo, com uma importação estimada para a safra 2018/19 em 95 milhões de toneladas. Por outro lado, no mercado exportador existem dois maiores exportadores com 83% de toda as exportações mundiais: o Brasil (48%) e os Estados Unidos (36%).

Por isto, caso os Estados Unidos diminuam suas exportações para a China, o Brasil não vai ter condição de suprir esta demanda - mesmo se houver um aumento de produção brasileira.

Assim, os preços internacionais estão bastante indefinidos e ficam na dependência da continuação da taxaço chinesa à soja americana, nos problemas climáticos que possam ocorrer.

rer nos principais países produtores como o Brasil, Estados Unidos e Argentina.

Para o primeiro semestre de 2019 a Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) estão estimados um aumento dos preços do mercado futuro com valores girando em torno de US\$ 9,00/bu, isto, levando em consideração os fundamentos de mercado já descritos, principalmente da guerra comercial entre China e Estados Unidos.

Por outro lado, pode ser que os preços internacionais tenham um pequeno aumento em 2019, vez que o governo americano tem visado o mercado europeu e subsidio de mais de US\$ 12 bilhões em compras diretas de grãos e incentivos a esmagamentos.

3. Mercado nacional

3.1. Safra brasileira de soja em grãos

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu relatório de safras do mês de julho de 2018, para a safra 2017/18, o Brasil produziu 118,88 milhões de toneladas de soja em grãos, valor 4,21% maior que os 114,07 milhões de soja em grãos produzidos na safra 2016/2017. Este aumento foi provocado pelo incremento de área, estimado em 3,7%, passando de 33,90 milhões de hectares para 35,15 milhões de hectares. Mas o fator de maior impacto no aumento de produção foi a produtividade de 3.382 kg/ha, pois o ótimo clima nos principais estados produtores em todos os estágios da lavoura contribuiu para que a produção chegasse a este valor.

Os principais estados produtores da safra 2017/18 são: Mato Grosso-MT com 27,2% da produção (32,30 milhões de toneladas), Paraná-PR com 16,1% da produção (19,17 milhões de toneladas), Rio Grande do Sul-RS com 14,4% (17,15 milhões de toneladas), e Goiás – GO, com 9,9% (11,78 milhões de toneladas).

O Matopiba teve a produção estimada em 14,56 milhões de toneladas, com um aumento de 2,1 milhões de toneladas, em relação à safra passada, representando 12,3% de toda a produção nacional.

Tabela 2.
Soja - comparativo de área, produtividade e produção - Safras 2016/2017 e 2017/2018

REGIÃO/UF	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 16/17 (A)	SAFRA 17/18 (B)	VAR. % (B/A)	SAFRA 16/17 (C)	SAFRA 17/18 (D)	VAR. % (D/C)	SAFRA 16/17 (E)	SAFRA 17/18 (F)	VAR. % (F/E)
NORTE	1.809,0	1.934,8	7,0	3.060,5	3.070,3	0,3	5.536,4	5.940,6	7,3
RR	30,0	40,0	33,3	3.000,0	3.077,0	2,6	90,0	123,1	36,8
RO	296,0	337,4	14,0	3.143,0	3.275,0	4,2	930,3	1.105,0	18,8
AC	-	0,6	-	-	2.055,0	-	-	1,2	-
AM	-	1,5	-	-	2.250,0	-	-	3,4	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878,0	2.884,0	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	545,1	9,0	3.270,0	2.856,0	(12,7)	1.635,3	1.556,8	(4,8)
TO	964,0	990,0	2,7	2.932,0	3.124,0	6,5	2.826,4	3.092,8	9,4
NORDESTE	3.095,8	3.264,4	5,4	3.115,4	3.513,9	12,8	9.644,7	11.470,8	18,9
MA	821,7	951,5	15,8	3.010,0	3.125,0	3,8	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	693,8	710,5	2,4	2.952,0	3.570,0	20,9	2.048,1	2.536,5	23,8
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242,0	3.720,0	14,7	5.123,3	5.960,9	16,3
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.647,9	3,0	3.300,7	3.445,0	4,4	50.149,9	53.907,4	7,5
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273,0	3.394,0	3,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	2.522,3	2.671,1	5,9	3.400,0	3.580,0	5,3	8.575,8	9.562,5	11,5
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300,0	3.480,0	5,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	70,00	71,50	2,14	3.450,00	3.540,00	2,61	241,50	253,10	4,80
SUDESTE	2.351,4	2.469,2	5,0	3.466,7	3.620,8	4,4	8.151,5	8.940,3	9,7
MG	1.456,1	1.508,5	3,6	3.480,0	3.676,0	5,6	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	895,3	960,7	7,3	3.445,0	3.534,0	2,6	3.084,3	3.395,1	10,1
SUL	11.459,6	11.835,1	3,3	3.542,2	3.263,7	(7,9)	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731,0	3.508,0	(6,0)	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580,0	3.400,0	(5,0)	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360,0	3.013,0	(10,3)	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.199,2	6,0	3.095,2	3.348,9	8,2	15.181,1	17.411,4	14,7
CENTRO-SUL	29.004,6	29.952,2	3,3	3.409,6	3.387,9	(0,6)	98.894,2	101.474,4	2,6
BRASIL	33.909,4	35.151,4	3,7	3.364,1	3.382,1	0,5	114.075,3	118.885,8	4,2

Fonte: Conab
Nota: Estimativa em julho/2017

3.2. Consumo total brasileiro de soja em grãos

O Consumo total estimado de soja em grãos para a safra 2017/18 publicado no mês de junho de 2018, pela Conab, é de 47,40 milhões de toneladas, com um aumento de 2,82% se comparado à safra 2016/17, considerando o consumo de farelo de soja, óleo de soja para consumo humano e biodiesel e principalmente a quebra de safra na Argentina, que diminuiriam muito seus esmagamento e abriu mercado para que o Brasil aumentasse seus esmagamentos.

Por outro lado, até o final de 2018 este número pode sofrer alterações para baixo, pois as exportações estão bastante aquecidas e devem interferir número de esmagamentos ainda em 2018.

3.3. Exportação brasileira de soja em grãos

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior – Secex o Brasil exportou em torno de 46,27

milhões de toneladas de grãos de janeiro a junho de 2018, valor recorde para o período. Para o segundo semestre de 2018 as exportações brasileiras devem continuar aquecidas, tanto que, para julho de 2018, é calculada uma exportação de mais de 11 milhões de toneladas, valor 58% maior que o exportado em julho de 2017.

Desta forma, as exportações para 2018 estão estimadas em 72 milhões de toneladas, valor 5,64% maior que o total exportado em 2017, podendo ser maior, devido à taxaço da soja americana pelos chineses, possibilitando que o Brasil continue com as altas exportações.

Tabela 3.
Soja grão - exportações mensais

MÊS/ANO	2017				2018				MÉDIA DOS 5 ANOS			
	QUANT. (t)	VALOR US\$1000FOB	%	PREÇO MÉDIO	QUANT. (t)	VALOR US\$1000FOB	%	PREÇO MÉDIO	QUANT. (t)	VALOR US\$1000FOB	%	PREÇO MÉDIO
JAN	911.827	364.833	1,34	400,11	1.563.589	594.256	2,77	380,06	284.497	113.128	0,54	397,64
FEV	3.509.447	1.404.183	5,15	400,12	2.864.253	1.093.260	5,07	381,69	2.032.841	873.623	3,87	429,75
MAR	8.979.127	3.534.058	13,17	393,59	8.813.760	3.434.667	15,61	389,69	6.542.275	2.745.769	12,46	419,70
ABR	10.432.129	3.948.237	15,31	378,47	10.259.100	4.112.602	18,17	400,87	8.494.901	3.589.391	16,18	422,53
MAI	10.959.858	4.063.423	16,08	370,76	12.353.479	4.998.529	21,88	404,63	9.154.609	3.858.611	17,43	421,49
JUN	9.197.021	3.353.722	13,49	364,65	10.420.000	4.199.194	18,45	402,99	8.031.783	3.419.298	15,30	425,72
1º SEM.	43.989.410	16.668.455	64,54	378,92	46.274.180	18.432.509	67,90	398,33	34.540.907	14.599.821	65,78	480,08
JUL	6.954.980	2.534.393	10,20	364,40	10.195.879	4.072.123	18,06	399,39	6.576.875	2.878.779	12,53	482,90
AGO	5.952.411	2.236.097	8,73	375,66					4.885.080	2.172.203	9,30	498,79
SET	4.272.463	1.610.496	6,27	376,95					3.112.025	1.369.181	5,93	495,43
OUT	2.486.938	939.521	3,65	377,78					1.664.743	705.316	3,17	487,11
NOV	2.142.729	815.376	3,14	380,53					945.237	385.667	1,80	472,88
DEZ	2.355.637	913.398	3,46	387,75					784.040	313.046	1,49	462,97
2º SEM.	24.165.159	9.049.281	35,46	374,48	10.195.879	4.072.123	14,96		17.968.001	7.824.192	34,22	488,70
TOTAL	68.154.569	25.717.737	100	377,34	56.470.060	22.504.632	100	398,52	2.508.909	22.424.012	100	483,27

Fonte: Secex

3.4. Estoque de passagem brasileiro de soja em grãos

Para a safra 2017/18, os estoques de passagem brasileiros de soja em grãos foram estimados em 1,48 milhões de toneladas. Este número é considerado normal dentre os estoques de passagem dos últimos 12 anos, porém, há grandes possibilidades de ser um valor muito menor que o estimado atualmente, já que as exportações brasileiras estão bastante aquecidas devido a taxaço chinesa a soja americana já citada.

Tabela 4.
Quadro de oferta e demanda brasileira - em mil t

SOJA EM GRÃOS:					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	744,0	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8
PRODUÇÃO	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	118.885,8
IMPORTAÇÃO	578,7	324,1	400,0	300,0	400,0
SUPRIMENTO	87.443,5	98.103,6	96.764,0	115.857,4	120.888,6
ESMAGAMENTO	36.800,0	39.600,0	40.200,0	41.800,0	43.000,0
SEMENTE E OUTROS	3.400,0	3.250,0	3.500,0	4.300,0	4.400,0
CONSUMO TOTAL	40.200,0	42.850,0	43.700,0	46.100,0	47.400,0
EXPORTAÇÃO	45.692,0	54.324,2	51.581,9	68.154,6	72.000,0
ESTOQUE FINAL	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8	1.488,6
FARELO DE SOJA:					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	445,9	267,3	833,8	1.844,8	2.854,7
PRODUÇÃO	28.336,0	30.492,0	30.954,0	32.186,0	33.110,0
IMPORTAÇÃO	1,0	1,1	0,8	1,0	1,0
SUPRIMENTO	28.782,9	30.760,5	31.788,6	34.031,8	35.965,7
CONSUMO INTERNO	14.799,3	15.100,0	15.500,0	17.000,0	17.500,0
EXPORTAÇÃO	13.716,3	14.826,7	14.443,8	14.177,1	16.500,0
ESTOQUE FINAL	267,3	833,8	1.844,8	2.854,7	1.965,7
ÓLEO DE SOJA (BRUTO E REFINADO):					
DESCRIÇÃO/SAFRA	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (*)
ESTOQUE INICIAL	639,8	579,9	298,1	569,0	617,5
PRODUÇÃO	7.176,0	7.722,0	7.839,0	8.151,0	8.385,0
IMPORTAÇÃO	0,1	25,3	66,1	40,0	40,0
SUPRIMENTO	7.815,8	8.327,2	8.203,2	8.760,0	9.042,5
CONSUMO INTERNO	5.930,8	6.359,2	6.380,0	6.800,0	7.100,0
EXPORTAÇÃO	1.305,1	1.669,9	1.254,2	1.342,5	1.450,0
ESTOQUE FINAL	579,9	298,1	569,0	617,5	492,5

Legenda: (*) - Estimativa

(1) Refere-se ao ano civil janeiro a dezembro

Fonte: Conab, Secex e Abiove

3.5. Preços nacionais

Os preços no mercado nacional de soja em grãos são afetados por vários fatores, tais como fretes, impostos, despesas administrativas e quebras técnicas que interferem diretamente nos preços internos. No entanto, e segundo estudos, os fatores que mais afetam os preços nacionais são as variações do dólar e principalmente, os preços internacionais.

Os preços internacionais começaram o ano variando entre US\$ 9,50/bu e US\$ 10,00/bu, com o dólar próximo de R\$ 3,20 e prêmios de porto no valor de UScents 67,00/bu. Com isto, os preços nacionais estavam em média no valor de R\$ 62,00/60kg.

Com a quebra da safra na Argentina, os preços tiveram uma forte alta e começaram a variar entre US\$ 10,00/bu e US\$ 10,60/bu, com o dólar chegando a ser cotado a R\$ 3,75 e os prêmios de porto a UScents 155,00/bu, com isto, os preços nacionais também tiveram uma forte alta e foram cotados a valores que ultrapassaram a média nacional de R\$ 73,00/60kg, com as

cotações no Mato Grosso R\$ 71,00/60kg, Paraná chegando a R\$ 76,00/60kg, Rio Grande do Sul a R\$ 76,00/60kg e Goiás a R\$ 70,00/60kg.

Depois da notícias da taxaço da soja americana pela China, os preços internacionais despencaram, chegando a ser cotado ao valor de US\$ 8,14/bu, porém com o dólar em ainda em alta no valor médio de R\$ 3,80, chegando a ser cotado a quase R\$ 4,00 e os prêmios de porto chegando ao valor de UScents 240,00/bu, fez com que os preços nacionais continuassem nos patamares de alta.

Além disto, após a greve dos caminhoneiros no final de maio, os preços de fretes nacionais começaram a ser tabelados, e por isto, os valores de frete ficaram em média 30% maiores que no mesmo período do ano anterior, afetando diretamente na comercialização e nos preços nacionais.

Como exemplo, em junho e julho de 2018 os preços internacionais já estavam em baixa, mas os preços nacionais continuaram altos. A explicação para isto, além do dólar em alta e preços de prêmios de portos, foi que os agricultores travaram a sua comercialização, pois a o tabelamento citado fez com que os preços de frete ficassem muito acima da média normal.

Por estes motivos expostos, os preços nacionais no final de julho de 2018, mesmo com a forte baixa nos preços internacionais, continuaram com o uma média de R\$ 73,00/60kg, com as cotações no de Mato Grosso a R\$ 71,00/60kg, Paraná chegando a R\$ 77,50/kg, Rio Grande do Sul a R\$ 75,50/60kg e Goiás a R\$ 69,00/60kg, bem descolados dos preços de paridades.

Tabela 5
Preços Pago ao Agricultor em 2017/18 - R\$/60kg

2017							
UF	JAN/17	FEV/17	MAR/17	ABR/17	MAI/17	JUN/17	MÉDIA
BA	68,17	63,75	61,3	54,06	57,64	58,54	60,58
GO	66,33	63,18	58,58	51,71	55,16	56,03	58,50
MA	70,5	66,75	64,2	61,89	63,66	63,67	65,11
MG	64,2	62,86	59,81	54,31	58,1	59,12	59,73
MS	65,77	61,68	56,67	52,6	57,2	55,71	58,27
MT	62,68	59,2	55,87	51,21	54,46	53,85	56,21
PI	-	59,29	58,77	56,92	58,93	60,1	58,80
PR	67,24	65,86	61,57	57,56	59,27	59,32	61,80
RS	68,12	65,61	63,16	56,89	58,28	59,35	61,90
SC	67,46	66,22	62,59	57,83	59,66	59,73	62,25
TO	68,33	64,88	61,75	54,94	57,71	57,78	60,90
2018							
UF	JAN/18	FEV/18	MAR/18	ABR/18	MAI/18	JUN/18	MÉDIA
BA	60,8	62,45	64,08	68,08	69,22	70,52	65,86
GO	59,45	61,55	65,18	68,24	70,22	64,59	64,87
MA	68,12	71,79	69,04	73,7	74,99	73,38	71,84
MG	64,6	65,07	66,03	68,74	73,08	67,18	67,45
MS	62,41	61,45	65,36	70,74	72,9	69,83	67,12
MT	56,56	59,13	62,9	68,48	70,16	71,05	64,71
PI	60,15	61,92	65,76	70,05	71,13	66,43	65,91
PR	62,77	65,21	69,74	75,26	76,14	73,6	70,45
RS	62,13	63,91	69,24	75,09	75,99	71,56	69,65
SC	63,27	66,21	70,31	75,82	76,66	73,89	71,03
TO	62,02	63,31	66,03	70,07	70,71	69,39	66,92

Fontes: Conab

3.6. Preços e rentabilidade para safra 2018/2019

O custo variável de produção, em maio de 2018, foi 5,84% maior que o praticado em maio 2017, com os valores estimados em R\$ 37,65/60kg em maio 2017 e R\$ 39,85/60kg em maio 2018.

Como a maioria dos produtos estão cotados no dólar, o principal motivo da alta dos custo de produção em 2017/2018 foi o dólar que em maio de 2017 era cotado, em média, a R\$ 3,20 e em maio de 2018 a R\$ 3,63.

Os preços pagos ao agricultor em 2018 foi cotado em média no valor de R\$ 67,00/60kg, a metodologia usada para prever os preços pago ao agricultor em 2019, será a variação percentual da paridade de exportações entre 2018 e expectativa de paridade para 2019 nos municípios de Sorriso – MT e Cascavel -PR.

Tabela 6.
Expectativa de Preços Pagos ao Agricultor 2019

SORRISO - MT								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	44,15	48,40	52,65	56,90	61,15	65,40	69,65
	850	47,40	51,87	56,33	60,80	65,27	69,73	74,20
	900	50,65	55,34	60,02	64,70	69,39	74,07	78,75
	950	53,90	58,80	63,70	68,60	73,50	78,41	83,31
	1.000	57,15	62,27	67,39	72,51	77,62	82,74	87,86
	1.050	60,41	65,74	71,07	76,41	81,74	87,08	92,41
	1.100	63,66	69,21	74,76	80,31	85,86	91,41	96,96
	1.150	66,91	72,68	78,44	84,21	89,98	95,75	101,51
	1.200	70,16	76,14	82,13	88,11	94,10	100,08	106,07
CASCAVEL - PR								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	56,03	60,28	64,53	68,78	73,03	77,28	81,53
	850	59,28	63,75	68,21	72,68	77,15	81,61	86,08
	900	62,53	67,22	71,90	76,58	81,27	85,95	90,63
	950	65,78	70,68	75,58	80,48	85,38	90,29	95,19
	1.000	69,03	74,15	79,15	84,39	89,50	94,62	99,74
	1.050	72,29	77,62	82,95	88,29	93,62	98,96	104,29
	1.100	75,54	81,09	86,64	92,19	97,74	103,29	108,84
	1.150	78,79	84,56	90,32	96,09	101,86	107,63	113,39
	1.200	82,04	88,02	94,01	99,99	105,98	111,96	117,95

Fontes: Conab, CBOT

Nota: Frete (Sorriso-MT/Paranaguá-PR) = R\$ 310,00/ton. - Frete (Cascavel-PR/Paranaguá-PR) = R\$ 130,00/ton. - Premio Porto Paranaguá-PR = UScents 200,00/bu

Tabela 7.
Paridade do Preços Pagos ao Agricultor 2018 (Sorriso - MT) - R\$/60kg

SORRISO - MT								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	39,97	43,74	47,51	51,29	55,06	58,83	62,61
	850	43,22	47,21	51,20	55,19	59,18	63,17	67,16
	900	46,47	50,68	54,88	59,09	63,30	67,50	71,71
	950	49,72	54,14	58,57	62,99	67,41	71,84	76,26
	1.000	52,97	57,61	62,25	66,89	71,53	76,17	80,81
	1.050	56,22	61,08	65,94	70,79	75,65	80,51	85,36
	1.100	59,47	64,55	69,62	74,70	79,77	84,84	89,92
	1.150	62,73	68,02	73,31	78,60	83,89	89,18	94,47
	1.200	65,98	71,48	76,99	82,50	88,01	93,51	99,02
CASCAVEL - PR								
		DÓLAR (R\$)						
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (USCENTS/BU)	800	51,25	55,03	58,80	62,57	66,34	70,12	73,89
	850	54,50	58,49	62,48	66,47	70,46	74,45	78,44
	900	57,75	61,96	66,17	70,37	74,58	78,79	83,00
	950	61,01	65,43	69,85	74,28	78,70	83,12	87,55
	1.000	64,26	68,90	68,90	78,18	82,82	87,46	92,10
	1.050	67,51	72,37	77,22	82,08	86,94	91,79	96,65
	1.100	70,76	75,83	80,91	85,98	91,06	96,13	101,20
	1.150	74,01	79,30	84,59	89,88	95,17	100,46	105,75
	1.200	77,26	82,77	88,28	93,78	99,29	104,80	110,31

Fontes: Conab, CBOT

Nota: Frete (Sorriso-MT/Paranaguá-PR) = R\$ 280,00/ton. - Frete (Cascavel-PR/Paranaguá-PR) = R\$ 90,00/ton. - Premio Porto Paranaguá-PR = UScents 90,00/bu

Para o primeiro semestre de 2019, a Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) estão estimados um aumento dos preços do mercado futuro, com valores girando em torno de US\$ 9,00/bu, isto, levando em consideração os fundamentos de mercado já descritos, e principalmente, face à guerra comercial entre China e Estados Unidos.

Portanto, usando a paridade de exportação com os valores de mercado internacional de US\$ 9,00/bu, citado, e com o dólar variando entre R\$ 3,40 e R\$ 3,80 esperado pelo mercado para 2019, a variação da paridade de exportação entre 2018 e 2019 deve ficar maior em 9%. Assim sendo, pela variação percentual entre as paridades citadas, os preços pagos ao agricultor em 2019 devem ficar 9% que os praticados em 2018.

Sendo assim, os preços médios pagos ao agricultor em 2019 devem ficar por volta de R\$ 72,00/60kg, valor 9% maior que os preços médios pagos ao agricultor em 2018, que foi de aproximadamente R\$ 67,00/60kg.

Por isto, mesmo com um aumento de custo de produção, a rentabilidade bruta do custo variável para 2019, ficou 12,95% maior, se comparada a 2018.

Tabela 6.
Rentabilidade de soja 018/2019

Produtividade média (kg/ha)	3100	3100	%
	2016/2017	2017/2018	
	R\$/60KG	R\$/60KG	
A - RECEITA BRUTA (1)	67,00	72,00	8,96
B - DESPESAS: (2)			
B1 - DESPESAS DE CUSTEIO (DC)	30,80	32,74	6,30
B2 - CUSTOS VARIÁVEIS (CV)	37,65	39,85	5,84
B3 - CUSTO OPERACIONAL (CO)	43,41	45,82	5,55
A) - MARGEM BRUTA - DC (A - B1)	36,20	40,26	11,22
B) - MARGEM BRUTA - CV (A - B2)	29,35	33,15	12,95
C) - MARGEM LÍQUIDA - CO (A - B3)	23,59	27,18	15,22
C - PREÇO MÍNIMO VIGENTE (R\$)		36,84	

Fonte: Conab

Nota: (1) média dos preços pago ao produtor em 2018 e expectativa de preços para 2019.

(2) custo de produção realizado nos meses de maio de 2017 e 2018

3.6. Análise prospectiva para a safra nacional 2018/19

A rentabilidade média do custo variável de soja em grãos foi estimada em 12,95% maior entre as safra 2017/18 e 2018/19. E a soja deve continuar a ser o produto de maior rentabilidade e maior liquidez do mercado, e assim, para a safra 2018/19, espera-se que os agricultores brasileiros aumentem a área de soja nos principais estados produtores, bem maior que nos últimos anos.

Mas o fator de maior relevância para o possível aumento de área de soja para safra 2018/19 é a guerra comercial entre China e Estados Unidos, pois os americanos devem diminuir muito suas exportações para os chineses, abrindo o mercado para que a soja brasileira seja exportada em maior quantidade para a china.

O mercado continua muito incerto para 2019, pois existe a possibilidade de conversas entre o governo chinês e americano, no intuito de acabar com a taxa de importação de 25% da soja americana, afetando tanto as exportações americanas como a brasileira, que neste caso seria menor.

Mas caso a taxa continue, o que é bem provável, as exportações americanas para safra 2018/19 devem ser menores que na safra 2017/18, e a safra e exportações brasileiras muito maiores.

Os preços internacionais devem continuar baixos, se os americanos não conseguirem dar destinação a sua safra, mas também existe a possibilidade daquele governo americano intervir, bancar compras e incentivar os esmagamentos de soja em grão, com parte dos 12 bilhões de dólares já destinados para isto. Caso esses fatores se concretizem, os preços internacionais, e por consequência os nacionais, devem subir.

Outro fator importante a ser salientado, para 2019, é o tabelamento dos fretes, que deve afetar diretamente nos preços internos. Além disto, caso os fretes estejam muito altos, como em julho de 2018, quando os preços tabelados estavam 30% maiores que no mesmo período de 2017, os agricultores podem diminuir sua comercialização, afetando mais ainda o consumo interno.

Para complementar as incertezas para 2019, temos ainda uma eleição muito indefinida, que deve interferir principalmente nos preços do dólar afetando positivamente nos preços nacionais, mas por outro lado, este aumento de dólar estimado para 2019 deve aumentar os custos de produção.

Caso os preços internacionais continuem acima de US\$ 9,00/bu, os preços pagos ao agricultor em 2019 devem ficar maiores que os preços praticados em 2018, motivado principalmente pelo dólar cotado acima de R\$ 3,60 e com os prêmios de porto altos.

Portanto, a produção estimada para a safra 2018/19, pelo Usda, está em um valor bastante aceitável para a safra em questão. E caso não ocorra nenhum problema climático na época de plantio, desenvolvimento de safra e colheita, o Brasil deverá ser o maior produtor de soja do mundo e se mantendo como maior exportador de soja mundial.

Com isto, a área brasileira para a safra 2018/19 de soja, provavelmente terá um aumento de 6,83%, podendo chegar ao valor de 37,50 milhões de hectares, com uma produtividade de 3.210kg/ha formando assim, uma produção de 120,50 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 0,84% em relação à safra 2017/18, com uma exportação estimada em 75 milhões de toneladas e esmagamento próximo de 43 milhões de toneladas, com um estoque de passagem de apenas 388 mil toneladas, mas dentro da normalidade.

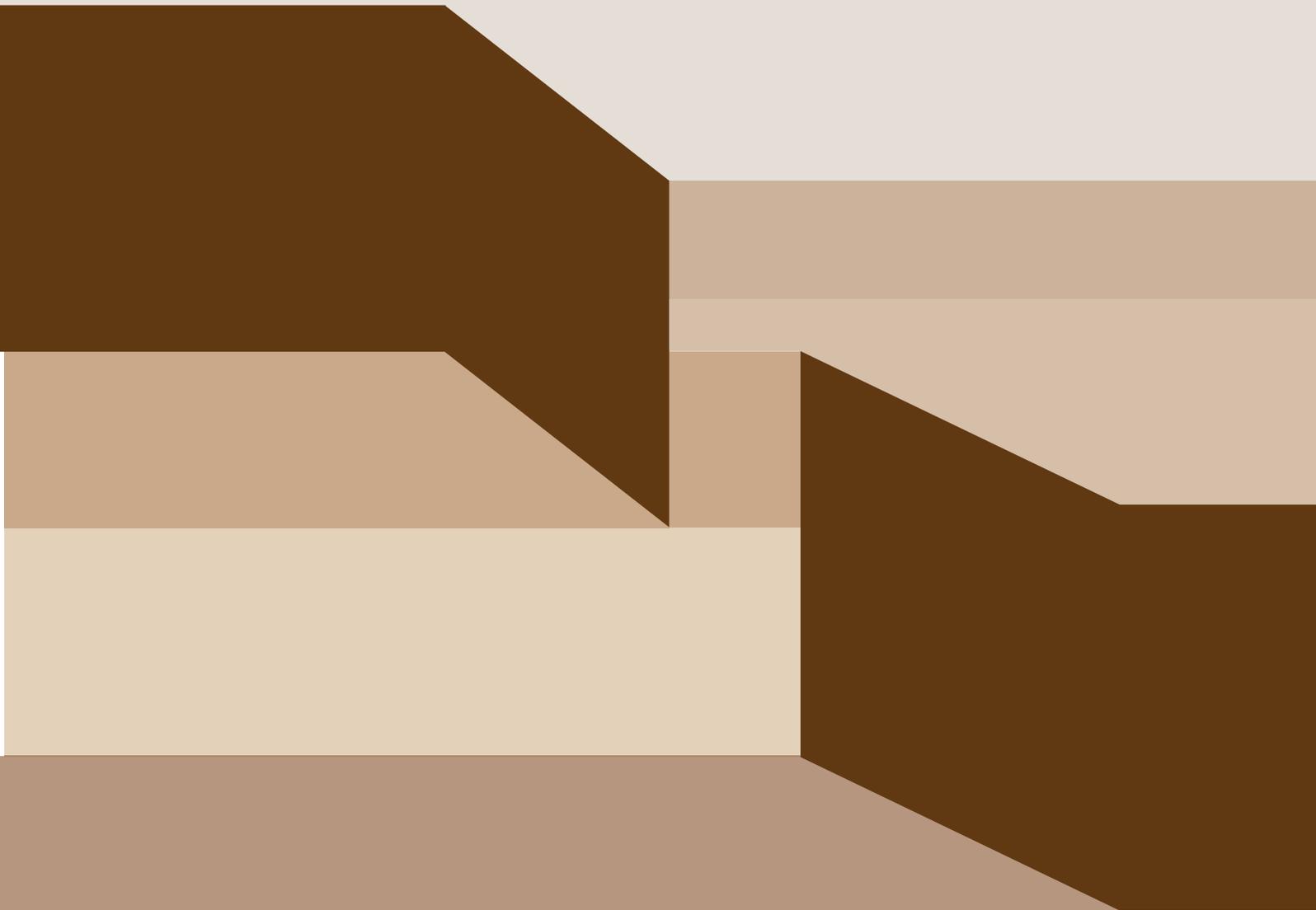
Mas provavelmente, a produtividade estimada para safra no Brasil possa ser maior, como o ocorrido nos últimos anos, e assim, aumentar a produção para safra 2018/2019, com um aumento, também, nas exportações que devem estar muito aquecidas em 2019.

Tabela 8.
Soja em grãos - oferta e demanda Brasil¹ - em mil t

DESCRIÇÃO/SAFRA	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
ESTOQUE INICIAL	1.551,5	929,4	1.482,1	1.602,8	1.488,6
PRODUÇÃO	96.228,0	95.434,6	114.075,3	118.885,8	120.500,0
IMPORTAÇÃO	324,1	400,0	300,0	400,0	400,0
SUPRIMENTO	98.103,6	96.764,0	115.857,4	120.888,6	122.388,6
ESMAGAMENTO	39.600,0	40.200,0	41.800,0	43.000,0	43.000,0
SEMENTE E OUTROS	3.250,0	3.500,0	4.300,0	4.400,0	4.000,0
CONSUMO TOTAL	42.850,0	43.700,0	46.100,0	47.400,0	47.000,0
EXPORTAÇÃO	54.324,2	51.581,9	68.154,6	72.000,0	75.000,0
ESTOQUE FINAL	929,4	1.482,1	1.602,8	1.488,6	388,6

Legenda: (1) refere-se ao ano civil janeiro a dezembro
(*) - Estimativa

Fonte: Conab com base nos números do USDA



MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**